

UFRRJ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EDUCAÇÃO POPULAR E CULTURA INDÍGENA

MADALENA ABRAHAO NEVES

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

EDUCAÇÃO POPULAR E CULTURA INDIGENA

MADALENA ABRAHAO NEVES

Sob a Orientação da Professora
Adriana Amaral

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Seropédica, RJ.
Abril de 2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ne NEVES, Madalena Abrahao, 1998-
Educação popular e cultura indígena / Madalena
Abrahao NEVES. - Seropédica/RJ, 2022.
82 f.

Orientadora: Adriana Amaral Ferreira. Trabalho
de conclusão de curso(Graduação). -- Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Serviço Social, 2022.

1. Educação popular. 2. cultura indígena. I.
Ferreira, Adriana Amaral , --, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Serviço
Social III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
COORD. CURSO GRAD. EM SERVIÇO SOCIAL



ATA Nº 1732 / 2022 - CoordCGSS (12.28.01.00.00.00.04)

Nº do Protocolo: 23083.027836/2022-06

Seropédica-RJ, 06 de maio de 2022.

Madalena Abrahao Neves

EDUCAÇÃO POPULAR E CULTURA INDÍGENA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Serviço Social**, pelo Curso de Graduação em Serviço Social do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Data de aprovação: 28 de abril de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Doutora Adriana Amaral Ferreira
Orientadora - presidente (DEDH/UFRRJ)

Prof. Mestre Leandro Machado dos Santos
Membro interno (DTPE/UFRRJ)

Prof. Mestre Lucas do Amaral Afonso
Membro externo (CEFET/RJ)

(Assinado digitalmente em 06/05/2022 14:44)
ADRIANA AMARAL FERREIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptHDT (12.28.01.00.00.00.10)
Matricula: 1783266

(Assinado digitalmente em 06/05/2022 11:53)
LEANDRO MACHADO DOS SANTOS
CHEFE DE DEPARTAMENTO - SUBSTITUTO
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matricula: 2876923

(Assinado digitalmente em 06/05/2022 14:57)
LUCAS DO AMARAL AFONSO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 381.666.758-97

Dedico este trabalho aos meus pais César e Maristela,
meu irmão João Vitor, demais familiares e amigos que
me apoiaram nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família pelo incentivo que me fez chegar até aqui, pelos ensinamentos em relação a importância dada aos estudos e desenvolvimento pessoal que serviram de combustível para valorização e luta por este . Agradeço aos meus pais que possibilitaram que eu pudesse percorrer este caminho em plena estabilidade, dando sempre todo apoio possível para que eu permanecesse na universidade. Agradeço também ao meu padrinho Marcos por ter sido uma inspiração na escolha deste curso, e a minha madrinha Rose pelo apoio dado, mesmo que de longe. Obrigada Sol, pela companhia durante todas as tardes de estudo e escrita. Dedico este trabalho a toda minha família e ancestrais, é por todos nós.

Sou grata também à minha orientadora Adriana Amaral, quem me inspirou a escolher este tema durante as aulas, e por todas as orientações e apoio, que foram fundamentais para a construção deste trabalho.

RESUMO

Neste trabalho buscou-se estudar sobre a cultura Indígena Yanomami e Guarani, a partir da obra “A queda do céu”(2015) e “O caminhar sob a luz” (1992), para junto das narrativas dos povos indígenas elucidar referências de práticas de educação popular, por meio de uma práxis concreta e construção coletiva específica dos povos que habitam a floresta. Onde se discorre sobre o processo de formação nas aldeias Yanomami e Guarani, as práticas de conexão ancestral específicas de cada etnia, com o propósito de estudar e compreender a essência da vida e práticas destes povos nativos. Com a finalidade de apontar as características do desenvolvimento desta vida no processo anterior e posterior à chegada dos colonizadores e a implementação das práticas guiadas pelo bárbaro modelo econômico capitalista. Procurando apresentar um estudo sobre as configurações do sistema vigente, as práticas de trabalho abstrato que regem as relações sociais humanas no mundo centrado no trabalho e mercadoria, e, como estas influenciam e deformam diversas esferas da sociedade e grupos afetados pela dinâmica do capital. Constituindo-se como foco deste estudo a educação institucional padronizada como ferramenta utilizada no controle guiado para as práticas de trabalho alienado e deformação cultural. E a educação popular como ponto de partida para a emancipação dos seres e real consciência de suas práticas de vida e resistência aos sistemas de opressão.

Palavras-chave: Educação Popular. Resistência. Cultura Indígena.

ABSTRACT

In this research, about the Yanomami and Guarani Indigenous culture, based on the book “The fall of the sky” (2015) and “Walk in the light” (1992), using the narratives of Davi Kopenawa as the references of popular education practices, which is a concrete praxis and specific collective construction of the peoples who inhabit the forest. Reporting on the formation process in the Guarani and Yanomami tribe, ancestral connection practices to study and understand the essence of life of these native peoples. In order to point out the characteristics of the development of this life in the process before and after the arrival of the colonizers and the implementation of practices guided by the barbaric capitalist economic model. Lookin to present a study based on the configurations of the current economic system, the abstract work practices that govern human social relations in the world of work and merchandise, and how these influence and deform various spheres of society and groups affected by the dynamics of the capital. The focus of this study is institutional education, as a tool used to guide the control of alienated work practices and cultural deformation. and popular education as a starting point for the emancipation of human beings and the real awareness of their life practices and resistance to systems of oppression.

Keywords: Popular Education. Resistance. Indigenous Culture

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A EDUCAÇÃO E A FLORESTA	14
2.1 Ancestralidade e Território.....	14
2.2 Experiência e formação na cultura indígena.....	19
2.3 A escola é o mundo dos sonhos.....	28
3 “EDUCAÇÃO” PARA FORMAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO.....	32
3.1 A chegada do homem branco à floresta e a destruição da experiência de formação no território indígena.....	32
3.2 A formação da sociedade da mercadoria e a redução do ser humano à mera força de trabalho	41
3.3 A educação para formação da força de trabalho.....	49
4 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE RESISTÊNCIA EM TERRITÓRIOS INDÍGENAS.....	56
4.1 A presença da instituição escolar no território indígena: Invasão cultural, deformações e resistência.....	56
4.2 A educação popular e a crítica da barbárie.....	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
6 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	81

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso buscou-se realizar estudos e análises sobre o tema de educação popular, cultura indígena, influências e deformações do sistema capitalista sob os processos educacionais e modos de vida que divergem deste. Se desenvolvendo e estruturando através de uma pesquisa bibliográfica, iniciada em contexto pandêmico, o que limitou outros recursos de pesquisa como a inserção no campo e o tempo de desenvolvimento. Nesta, pretende-se compreender o funcionamento dos diversos tipos de educação, seus objetivos e como esta atravessa a vida dos indivíduos, sua cultura e práticas. Utilizando como referência o livro “A queda do céu” de Davi Kopenawa e Bruce Albert; O capital, livro 1, de Karl Marx; Costumes em Comum, de T. Thompson; “Educação e Emancipação” de Theodor Adorno, “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, “O caminhar sob a luz” de Maria Inês Ladeira, entre outros. Para a partir destas fontes embasar as críticas e reflexões feitas durante o desenvolvimento deste trabalho.

Escolhi este tema para pesquisa motivada pelo meu interesse na educação, gerado a partir de estudos e questionamentos sobre a importância e poder desta como uma ferramenta para emancipação das pessoas. Vejo a educação como a principal ferramenta capaz de modificar estruturas dominantes e bárbaras, onde os indivíduos são narradores de suas próprias histórias, participam de processos de reflexão e construção societária voltadas para emancipação dos seres e sua libertação deste sistema dominante e necrófilo. Sendo este um movimento de extrema importância e imprescindível atualmente, onde se torna mais do que necessário um posicionamento político contra a estrutura dominante, seu modelo desigual e impiedoso.

O que me motivou a estudar a influência dos diferentes tipos de educação na vida dos seres, como estas os atravessam e se refletem em suas relações e práticas sociais, quais são seus objetivos e consequências nos seus processos de formação, considerando o direcionamento político contido em cada uma destas. Baseada nestes questionamentos, compreendendo a importância de retomar a narrativa dos povos originários, de modo a resgatar a história apagada durante o processo de invasão e colonização, que vem sendo anulada constantemente pelas opressões sistemáticas. Visando trazer o foco novamente para os indígenas enquanto ancestrais do Brasil, sua cultura, modos de vida e de resistência frente as opressões do capital.

Iniciei os estudos sobre educação popular tomando como referência a cultura indígena e seu modo de vida, como exemplo de modelo não alienado a uma abstrata reprodução social.

Em contraponto à educação institucionalizada, utilizada como uma ferramenta pelo sistema econômico capitalista para transformar os indivíduos em mera força de trabalho, para que assim atendam as demandas da ordem vigente e se tornem dependentes desta, impedindo seu processo de emancipação e práticas libertárias. Analisando também a potencialidade de destruição contida na institucionalização da educação, e desumanização das práticas e modos de vida.

Deste modo, busco estudar e realizar reflexões sobre a necessidade e urgência de pensarmos e termos como referência outros modos de vida e relações, visto que há a extrema necessidade de modificar a estrutura implementada pelo sistema político e econômico. Visto que, este se embasa em ações desumanizantes, através de dinâmicas e estruturas de dominação que destroem as experiências de vida das pessoas, perpetua a barbárie ao longo de seu desenvolvimento, retirando dos homens e mulheres a sua dignidade e humanidade, enquanto destrói simultaneamente a natureza e todos os elementos que a compõe. Por este motivo, é necessário que se pense sobre outros modos de vida e de práticas educacionais, como a educação popular, sendo esta um referencial de práxis emancipatória, voltada para a libertação dos seres das amarras desta estrutura que os limita e domina a partir de suas ferramentas, e que principalmente seja uma educação voltada a não repetição da barbárie.

O trabalho se encontra dividido em três partes, em seu primeiro capítulo denominado Cultura Indígena, englobam-se narrativas acerca do modo de vida e práticas culturais do povo indígena da etnia Yanomami; que estão situados em uma floresta tropical no estado do Amazonas fazendo fronteira com a Venezuela, sua população é composta por aproximadamente 35.000 pessoas. Neste, a partir de narrativas do Xamã Yanomami Davi Kopenawa em um momento anterior ao processo de invasão e colonização, será abordado a importância da relação com território para os habitantes da floresta, assim como seus hábitos culturais e práticas de formação do ser, específicas de cada cultura, realizadas no ambiente que se encontram inseridos. Trazendo o foco também para seus processos de formação educacionais, de modo a elucidar hábitos antagônicos às práticas e relações capitalistas.

Já no segundo capítulo é realizada uma abordagem e análise crítica sobre os processos de colonização e invasão à floresta, buscando explicitar como ocorre este movimento junto da chegada do “homem branco” e seu modo de vida a este local, a implementação de seu sistema econômico sob a cultura construída e desenvolvida naquele espaço, desconsiderando suas especificidades e as deformando. A fim de evidenciar qual dinâmica embasa este movimento colonizador, que se estrutura a partir da valorização dos processos de troca, produção e

mercantilização do trabalho através da alienação e dominação dos indivíduos. Elucidando como este ocorre por meio das repressoras instituições escolares e sua educação padronizada, voltada para a inserção dos seres em seu sistema, os transformando e reduzindo a mera força de trabalho. Trazendo como exemplificação a deformação da cultura indígena e como esta afeta seus processos de educação; as consequências de uma educação desumanizadora para a sociedade e com esta atende às demandas do sistema.

Por último, no terceiro capítulo denominado Educação e formação de resistência em territórios indígenas, são retratadas narrativas referentes à etnia Guarani *mbya*. No Brasil, suas aldeias estão localizada em diversos estados, como no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina, São Paulo entre outros. Entretanto, estes também podem ser encontrados em outros países da América Latina. Sua população é composta por cerca de 61.701 pessoas, seus hábitos podem se diversificar de acordo com a localização das aldeias em diferentes territórios.

Nesta etapa do trabalho, é realizada uma abordagem sobre a inserção das instituições escolares nas aldeias, trazendo enfoque para a etnia e as divergências encontradas nos processos de formação do ser de acordo com cada modo de vida elaboradas por, Sandra Benites, em suas dissertações onde aborda sobre os aspectos culturais de sua etnia, a partir do ponto de vista e experiência enquanto mulher e professora Guarani.

Após discorrer sobre as problemáticas dos processos desumanizadores e suas consequências permanentes para a humanidade, é apresentada a urgência de se pensar em outras possibilidades de modos de vida e processos de educação que direcionem a humanidade a uma práxis emancipatória, que liberte os indivíduos dos movimentos de reprodução e alienação à ordem vigente, em ações de reflexão coletiva, recusa à barbárie e suas repetições. Onde os seres, se re-sensibilizam e se educam a partir de suas experiências e consciência da ação humana no decorrer da história.

É de suma importância, considerar a educação popular como uma ferramenta de mobilização, reflexão e identificação dos sujeitos que se percebem como oprimidos pelo sistema capitalista e sua estrutura de dominação. Ao reconhecer e sentir na pele as repressões deste a partir de suas experiências e dores em comum, realizam um movimento de autoeducação voltado para a emancipação dos indivíduos. Este processo de análise crítica e posicionamento, funciona como referência teórica para o Serviço Social. De acordo com o projeto ético político profissional, esta categoria se posiciona politicamente a favor da classe trabalhadora, voltando

suas ações dialógicas para uma transformação e formação societária mais igualitária e justa, onde há uma conscientização dos oprimidos. Por este motivo, é necessário embasar as ações e análises críticas em referenciais teóricos que estejam em consonância a seu posicionamento e práticas de luta coletiva

2 A EDUCAÇÃO E A FLORESTA.

2.1 ANCESTRALIDADE E TERRITÓRIO.

Quando retratamos processos, estamos falando sobre a vida e como esta se desdobra durante seu percurso. O falar e transmitir informações, são processos carregados de história, afeto e posicionamento, que acontecem há tanto tempo neste mundo que seria impossível tentar apontar o seu início, dado que, isto faz parte do ser humano enquanto ser social. Entretanto, é necessário tentar fazê-lo, para que seja possível entrar em contato com a vida e suas ramificações, culturais e étnicas. Uma vez que este acontecimento é extremamente poderoso, pois, mesmo as mais pesadas barreiras, não conseguem cessá-lo por inteiro. Este resiste, (re)existindo cada vez que pronunciado e conhecido por novas pessoas. E, assim, vive, e sobrevive também, quando tentam o calar. Para fortalecer ainda mais este movimento, e a vida que resiste nele, será abordado neste tópico as narrativas de Davi Kopenawa, indígena pertencente a tribo Yanomami - sendo porta-voz desta-, sobre sua cultura e experiências, adquiridas dentro de seu território, através de ensinamentos que foram repassados e praticados por seus antepassados.

Havia vida no Brasil, muito antes da chegada dos primeiros europeus colonizadores, havia vida aqui. Vida esta que se multiplicava em histórias, vivências, seres humanos e resultava em um profundo processo cultural, este ocorria independente das classificações utilizadas por meio das palavras escritas, que por meio da memória e das palavras ditas se enraizou e chegou até aqui. A fala é carregada de saberes ancestrais, sendo a ancestralidade um ponto de partida para a compreensão da vida pelos seus próprios olhos, construções de ideias e pensamentos que ocorrem durante o processo de compartilhamento dos saberes. Este que pode ser compreendido como o ato de narrar a vida, que culmina em um processo de construção coletiva cultural.

A espiritualidade e ancestralidade constituem um dos fundamentos mais importantes da cultura indígena Yanomami, a partir delas que os conhecimentos são repassados e *vividos*. Sendo este último, extremamente importante quando se trata desta cultura, pois, a vida não se perde em palavras escritas, ela não somente é lida e escrita, é vivida em sua forma mais orgânica, para que se torne possível pensar “coisas da floresta”. Esta práxis, se iniciou a partir da figura definida como Deus da criação, *Omama*¹. Segundo as narrativas de ancestrais

¹ “Omama é o demiurgo da mitologia yanomami” (Kopenawa e Albert, 2015, p. 610)

Yanomami, este através de sua vitalidade estabilizou a vida na Terra, ensinou a seus descendentes sobre seus hábitos, fazendo com que isto se tornasse uma prática geracional, por ser pronunciada, ensinada e exercida como modo de vida. Deste modo, estabeleceu um vínculo que perpassa todas as gerações, sendo nutrido através e dentro do território em que foi concebido.

Para dar início aos relatos sobre a vida dos povos da floresta, é necessário realizar uma abordagem sobre o território, seu significado e importância, na prática da vida da tribo Yanomami. O território tudo é, pois, engloba tudo que existe na floresta, os animais, rios, seres humanos, árvores e a vida produzida durante a troca entre estes. Podendo ser definido como ecologia, natureza, meio ambiente, engloba a todos os elementos que o compõe. Sem cercas, definições limitantes ocidentais e marcadas por uma lógica de mercado. A relação dos povos originários com a terra existia e existirá antes de qualquer lógica opressora. A riqueza existente na floresta consiste em uma coexistência entre os indivíduos e os componentes que a integram..

Tudo que existe na floresta, se encontra presente também em seus habitantes, de forma equilibrada, fazem parte de uma produção cultural. Esta não é considerada apenas como mais uma quantidade de terra no mundo, neste território há vida, vivências e saberes, que estão interligados. Como, por exemplo; cada conhecimento relacionado a árvores, condiz com a existência de cada espécie naquele meio, assim como a existência dos seres humanos que puderam compreendê-la. Este meio não seria desta forma, sem a existência daqueles que a habitam, compreendem e a interpretam, conscientes de seu propósito. A floresta dos Yanomami foi criada com um sentido, assim como tudo que está presente nela.

Se faz necessário compreender o que foi anteriormente dito, para que nos livremos da cegueira pertencente ao “homem branco” e seu modo de vida, desta forma será possível compreender em sua essência o que foi transmitido por Davi Kopenawa, ao relatar sobre sua experiência com a terra, as atividades praticadas nesta e a sua importância para seu povo. Em uma fala, Davi diz que: “Se quiser pegar minhas palavras, não as destrua. São as palavras de *Omama* e dos *xapiri*. Desenhe-as primeiro em *peles de imagens*², depois olhe sempre para elas”³ O que atenta para a importância do conhecimento ancestral, adquirido e repassado, de forma que faça jus a sua magnitude e a necessidade de sua compreensão. Dado que, o ato de transmitir

² Compreende-se o uso desta palavra como analogia a palavra “espírito”

³Cf. Kopenawa e Albert, 2015, p. 64. esta fala foi enfatizada por Davi Kopenawa, ao abordar sobre a importância de não tratar suas palavras de forma banal, para que sua transmissão seja significativa.

conhecimento é cultural quando se trata dos povos da floresta.

A relação com a terra é determinada pelo afeto, cuidado e equilíbrio, necessários para o desenvolvimento e formação do todo. Neste conjunto nenhuma parte deve ser afetada negativamente, uma vez que resultaria em uma reação em cadeia impactando a todos. Neste ambiente as tradições continuam sendo reproduzidas e ensinadas, de forma a estabelecer um vínculo entre os seres e o território que habitam. O que transpassa o espaço físico, uma vez que a conexão ocorre também espiritualmente. Este território, pertencera a todas as gerações dos Yanomami, como lhes foi ensinado, por seus pais e avós. Enfatizando um fator determinante desta conexão, a ancestralidade, o vínculo com a terra daqueles que habitaram em seu princípio e dos que estão presentes nesta ainda hoje.

Este processo de relação foi iniciado por quem deu origem à vida na floresta, tornando-a mais forte e resistente, para que assim abrigue seus habitantes em equilíbrio. Visto que, no primeiro tempo, como esta não possuía estabilidade, o céu caiu sob a população, a exterminando. Para evitar que isto se repetisse, *Omama* busca estabilizar os elementos, de forma que coexistissem em consonância a cada demanda de sua natureza. Isto é transmitido através de ensinamentos, onde há uma exposição sobre como ocorreu, para que os Yanomami reconheçam sua origem. Então, compartilham relatos onde explicitam momentos da criação, buscando elucidar como esta realizou-se através de seu criador. Onde, este criou um sol que não fosse tão ardente, mas que aquecesse, assim como a chuva, buscando um equilíbrio. Espalhou sementes que germinaram as primeiras árvores, chamadas *hoko si*, *maima si*, *rioko si*, etc⁴. Ensinou a língua falada, como nomear coisas e também a conhecer os alimentos.

Nesta floresta mais resistente, denominada *Hutukara*, formada nas “costas” do céu que caiu anteriormente, foi constatada a necessidade de criar os espíritos *Xapiri*, como forma de proteger o local e seus habitantes, afastando os “seres maléficos”⁵ que poderiam ocasionar possíveis contágios de doenças e morte. Os *Xapiri*, são ancestrais animais, espíritos valentes que ao estabelecer conexão com os xamãs, iluminam seus pensamentos com suas palavras e auxiliam em suas práticas de proteção à floresta. Este conhecimento foi transmitido pelos “antigos”, com o intuito de dar continuidade a esta relação que proporciona um cuidado para com a floresta.

Há um vínculo de construção e identificação relacionadas às práticas e o território, que

⁴ Em ordem: palmeira Bacaba, Palmeira de açai e Palmeira de Buriti.

⁵ Deste modo, os yanomami caracterizam os seres responsáveis por adoecer os humanos.

caracterizam a formação identitária desta etnia, por este motivo, devem ocorrer em seu local de origem. Não poderiam ser realizadas em outro território vazio, uma vez que o ambiente é integrado aos seres que o habitam. A floresta é viva de uma vida repleta de sentidos, que devem ser experienciados na pele, subjetivamente, em conjunto com tudo que consiste em sua existência. A especificidade deste modo de viver anula a possibilidade de realização deste em outro lugar, uma vez que, é único e poderia perder seu sentido devido à ausência de identificação. Já que esta vida acontece também através das palavras, que não podem ser tocadas, estão ligadas à práticas, que se encontram conectadas à existência do todo.

Existe uma grande compreensão e consideração por este espaço ecológico, por tudo que foi criado e cocriado nele, as relações estabelecidas e as experiências vivenciadas por cada ser que fez parte deste território. A cultura construída e ensinada, se forjou através deste, por este motivo possui extrema importância, como uma base, para que esta possa dar continuidade a seu processo de ramificação e desenvolvimento. Por essa razão, é necessário que continue havendo vida neste “espaço”, uma vez que é neste onde a práxis ocorre. Isto é evidente, quando se trata da forma a qual as crianças aprendem sobre sua cultura e iniciam o exercício desta, assim como os outros habitantes, sendo imprescindível a presença neste meio para realização das práticas. Na floresta é ensinado a sonhar. Por este motivo, é importante estabelecer cuidados com objetivo de protegê-la, para que haja a possibilidade de ininterrupção das práticas culturais, entendendo a importância do alcance destas a gerações futuras. Como foi dito por Davi (Kopenawa e Albert, 2015):

“Querem defender sua terra porque desejam continuar vivendo nela como antigamente. Assim seja! Se eles não a protegerem, seus filhos não terão lugar para viver felizes. Vão pensar que a seus pais de fato faltavam inteligência, já que só terão deixado-lhes uma terra nua e queimada, impregnada de fumaças de epidemia e cortada por rios de águas sujas!”.

Ao proteger a terra, protege-se o processo de produção cultural iniciado no “primeiro tempo”. Em função disto, se torna necessário preservar a vida e toda subjetividade contidas nesta. Para o povo Yanomami, a terra e suas memórias são um ponto de partida para a práxis da vida em sua cultura. Em seu território, acontecem os primeiros sonhos que os conectam com seus ancestrais e os *Xapiri*, aprendem a caçar para sua subsistência, adquirem conhecimento sobre a criação, como esta ocorreu e a importância daqueles que a fizeram. Sua história não é armazenada em livros ou em palavras escritas, sua forma de transmissão ocorre por meio da oralidade. Possuem a referência de primeiro professor em *Omama, criador da floresta*

*Hutukara*⁶, quem primeiro viveu, compreendeu, para depois repassar. Iniciando esta prática, estabeleceu os costumes de seu povo e com sua *imagem*, os protege e mantém vivo.

A floresta é lida como um grande livro, vivo, repleto de saberes e histórias, cada árvore animal, rio, possuem significados que vão além de uma rasa determinação destes enquanto coisas físicas. Funcionando como conteúdos que auxiliam no processo de compreensão da vida, hábitos culturais e espirituais. Isto não se encontra em folhas de papel, é preciso que seja experienciado, sentido na pele, visceralmente. Assim, a subjetividade do sentir e viver, guia essa onda de conexão com a vida, que não possui limite de tempo, sendo atemporal se estende por todas as gerações que se encontram presentes na floresta e por meio do exercício de suas práticas aprendem com esta.

Por esta razão, se torna necessário explicitar a importância do território para a cultura indígena. Junto do território, tudo que se define como ecológico, o que não é palpável, se mantém vivo. Assim como a cultura em conjunto a linguagem e a prática espiritual, como um grande agrupamento repleto de subjetividades, onde todas as partes possuem seu nível de importância e precisam ser “alimentadas”. Neste espaço ocorre a caça, que possui como objetivo gerar alimentos para o povo se nutrir, neste mesmo espaço é cultivada a árvore de onde é retirado o pó *Yãkoana hi*, este que funciona como um fator impulsionador dos sonhos. É utilizados pelos xamãs durante cerimônias e exercício de hábitos relacionados a sua espiritualidade, sendo este um condicionante para realizar contato com os *Xapiri*. O que resulta em um apanhado de conhecimentos para si e para o grupo, utilizados educativamente.

Todos os seres vivos da floresta, são nomeados e identificados pelos povos da tribo, o que nos atenta para a diversidade de vida, onde talvez não possamos enxergar sua existência. É possível identificá-la no vendaval, denominado *Yariporari*, ou no sol, ser *Moth okari*. Também em animais, como a minhoca, *haremari*, gavião *koimari*, anta *hayakoari*, etc. Estes exemplos contemplam um contexto de articulações e interrelações, que evidenciam como ocorre a vivência na floresta, tudo se encontra integrado a ela, como uma rede de energia em que tudo se conecta. Seus habitantes são os humanos, mas também os espíritos que ainda se encontram presentes, são os animais, a água dos rios, o tempo(meteorologicamente), as árvores, os seres das águas e do ar. Se configura a partir de um composto de denominações e história, recheado de saberes, que por estar conectado, pode fluir de acordo com seu fluxo.

⁶ Cf. Kopenawa e Albert,2015. p. 609. “é o nome xamânico do antigo céu que caiu no tempo das origens, formando a atual “terra-floresta”

Desta forma, é possível notar o vínculo existente entre o território, floresta, na criação, reprodução cultural e manutenção de tudo que se identifica de forma importante para o povo nativo e seus antepassados. A vida reconhecida, como esta de desenvolveu durante o percurso de sua história, está vinculada a prática exercida naquele espaço, físico e espiritual. O vínculo é cultural e não se limita a um plano físico. Tampouco se curva ao que tentar se impor opressivamente, pois, compreende-se a importância de sua existência e o impacto desta para as relações na floresta. Ao prezar pela manutenção do território, se defende a vida e todas suas variáveis, a mata, seus habitantes, os animais, os espíritos *xapiri* e o ato de sonhar como forma de adquirir conhecimento e aprender sobre a vida.

“As palavras dos *xapiri* estão gravadas no meu pensamento, no mais fundo de mim”⁷, são estas palavras que protegem a floresta em conjunto com os xamãs, impedindo que haja morte de tudo que foi criado por *Omama*, e assim o honrando. Os xamãs são responsáveis por segurar o céu, protegendo a floresta quando este ameaçar cair em decorrência de hábitos ou invasões que prejudicam seu equilíbrio. Isto é possibilitado pela conexão com os espíritos animais, estes por último, se comunicam com todos os seres da floresta, iniciando um movimento de sintonia e coparticipação. Os *xapiri* e os seres fazem parte do que compõe a vida na floresta, são uma de suas estruturas para sustentação de sua longevidade, porém, não podem ser vistos por todos. Por isso a importância da existência dos xamãs. Como um elo, que através de sua comunicação, protege a vida, todas as suas ramificações na floresta. A existência, história, vivência, cada respiração de cada um dos seres que habitam esta floresta está eternizado em seu território. As vidas se misturam à terra, e não podem ser separadas. O território é como uma extensão do ser, como um órgão vital de seu corpo, o conjunto necessita estar completo para perfeito funcionamento.

2.2 EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO NA CULTURA INDÍGENA

Para compreender os processos de formação na cultura indígena, é preciso evidenciar alguns pontos: a ancestralidade é a base de tudo, de todo conhecimento adquirido e ensinado sobre o território e suas histórias. A experiência adquirida é resultado de um processo de transmissão e educação coletiva, originária da vida de todos os habitantes da floresta. Se encontra gravada na memória dos seres, sendo este o único lugar onde é possível encontrá-las,

⁷ Cf. Kopenawa e Albert, 2015. p. 65.

uma vez que estas não estão “*desenhadas em peles de imagens*”⁸. Por este motivo a ancestralidade é um fator de suma importância, a história é ensinada pelos “antigos”, pais, avós, xamãs ou familiares. São eles que ensinam sobre como a vida acontece na aldeia, como se aprende sobre ela, o que deve ser absorvido, como se alimentar ou caçar, e, como se proteger do mal.

A compreensão da realidade advém do conhecimento repassado pelos antepassados, com um ciclo. É por meio da fala e do compartilhamento de experiências que se moldam os hábitos e rituais. A fala, carregada de sabedoria, funciona como um guia, auxiliando os indivíduos a compreenderem sobre seu processo de formação, vida e caminho. Apesar de não estarem anotadas em folhas, as experiências e ensinamentos se encontram vivos na floresta, e por serem exercitados diariamente, se mantêm enraizados neste espaço físico por meio da memória.

Durante a infância, os Yanomami realizam os primeiros contatos com sua cultura, absorvendo gradualmente seu real significado, a compreendendo por meio da escuta e observação. Os saberes são propagados através de sua linguagem, por meio da pronúncia de palavras de *Omama*. Este é o primeiro contato com a ancestralidade que embasa seus hábitos e vivências, reproduzir a fala é fortalecer a conexão criada a partir de seus ensinamentos. Neste momento da vida as crianças começam a se atentar sobre a realidade que os rodeia, assimilando, a partir de suas próprias experiências, o que lhes foi ensinado por seus familiares; sobre a caça, seus antepassados e o modo de vida na floresta.

Os ancestrais animais *Yarori*, foram criados por *Omama*, a pedido de sua esposa, *mulher das águas*, para que protegessem seus descendentes e a floresta. Ao observar que estes se encontravam vulneráveis, pediu a seu marido para que os criasse, com o intuito de afugentar doenças. Antes deste acontecimento, *Omama* estava com a memória fraca, ao trazer os *xapiri* a existência, deu início a um processo de conexão que manteria sua memória e a das próximas gerações fortes o suficiente para que dar continuidade a este movimento, compreendendo verdadeiramente seus motivos. Assim, durante o sonho, os *xapiri* revelam sua imagem, para poder se comunicar e transmitir sua mensagem.

Os contatos com a vida espiritual podem ser iniciados quando os indivíduos ainda são crianças, através dos sonhos, estes espíritos os observam com afeto, analisando seu

⁸ Esta é forma utilizada pelos yanomami para retratar a escrita ocidental em folhas ou a ilustração de imagens.

comportamento, para caso um dia desejarem se tornar xamãs. Os primeiros contatos se limitam ao tempo do sonho, sendo esta uma das formas de estabelecer conexão com os *xapiri*, a segunda, seria a partir do uso do pó de *yãkoana*, derivado de uma árvore, este só pode ser utilizado por adultos ou adolescentes, contanto que sejam auxiliados por uma pessoa mais velha. Então, durante este período na infância, os familiares orientam as crianças, os ensinando sobre o que está acontecendo, o porquê deste contato e os hábitos essenciais que deve se manter.

No decorrer dessas experiências, vividas e sentidas pelas crianças, inicia-se o processo de aprendizagem e compreensão sobre a existência dos *xapiri*, a importância da palavra Yanomami e seus ensinamentos, enquanto prática de vida. Quando essa compreensão ocorre, “o pensamento se concentra nas palavras dos *xapiri*”⁹, fortalecendo assim seu contato e integrando a rede de relações da floresta. No período da adolescência o avô ou xamã, passa a assoprar o pó da *yãkoana* no nariz, para iniciar o contato com esta substância, que abre os caminhos e possibilita observar os *xapiri* dançarem.¹⁰ Neste sopro, estão sendo transmitidas também, características da pessoa que o realiza, repassando para o iniciando suas qualidades.

Todos os ensinamentos sobre esse contato e significado, são transmitidos pelos xamãs, líderes espirituais, que possuem muito saber ancestral, uma vez que, realizam contato com o “mundo dos espíritos”, dançando e cantando com a floresta. Deste modo, podem auxiliar neste caminho aqueles que se interessarem por este chamado. A espiritualidade é ancestral e transcende a linha do tempo, ao criar um elo entre os seres que habitam e os que já habitaram a floresta. Esta conexão se desenvolve em conjunto a um sentimento de identificação por tudo que foi criado por *Omama*, ao estabilizar a vida e proteger os elementos que a constituem. Dando continuidade a suas práticas, e compreendendo sua necessidade, as pessoas optam por se tornarem xamãs. Deste modo, compreendem a vida na floresta ao entrarem em contato com este grande processo, que se desenvolve em um ciclo contínuo de aprendizados. Ao se tornarem xamãs, as pessoas dançam e cantam com os *xapiri*, do mesmo modo que seus antepassados.

O processo para se tornar xamã, é descrito como um chamado, que pode acontecer durante a infância, quando se sonha com os *xapiri*, na adolescência ao ter *Yãkoana* assoprado em seu nariz e na fase adulta, quando se faz uso contínuo desta substância em rituais e celebrações. Apenas por meio desta se faz possível continuar a ver os *xapiri*, sendo fundamental para a iniciação dos xamãs por ser considerada sagrada. Como foi dito por Davi Kopenawa:

⁹ Cf. Kopenawa e Albert, 2015, p 100.

¹⁰ Sendo esta dança alusiva a mesma feita pelos espíritos yarori a seus antepassados.

“sem ela seríamos ignorantes”¹¹, pois, seu uso é essencial para estabelecer vínculos com os *xapiri* e observa-los. Funcionando com um meio de estudo, é extremamente necessária para que se sonhe com estas entidades. Isto destaca um ponto fundamental sobre a manutenção da vida na floresta; as interligações que envolvem as questões espirituais e produções culturais dos habitantes desta.

O filho de *Omama*, se tornou o primeiro xamã Yanomami, ao dar início ao processo de uso deste pó, instruído por seu pai, recebeu a seguinte orientação:

“Com esta árvore, você irá preparar o pó de *yãkoana*! Misture com as folhas cheirosas *maxara hana* e as cascas das árvores *ama hi* e *amath a hi* e depois beba! A força da *yãkoana* revela a voz dos *xapiri*. Ao bebê-la, você ouvirá a algazarra deles e será sua vez de virar espírito!”

Deste modo, passou a ter contato com os *xapiri*, vendo-os dançar, protegendo seu povo de toda doença e mal. Em virtude deste ensinamento de *Omama*, existem hoje xamãs na floresta, ao ensinar seu filho a como receber os espíritos animais, originou um costume dos povos que habitavam este lugar. A medida em que seu filho reproduzia suas palavras, alimentava esta tradição, a valorizando e dando continuidade a esta. Por este o motivo as pessoas buscam se formar xamãs, para proteger sua família, os seus, ver verdadeiramente os *xapiri* e entrar em contato com as palavras de *Omama*.

O processo de iniciação para se tornar xamã, é instruído por outro, mais velho, que conduz esta etapa ensinando a como se portar. Pois, apesar do uso do pó de *yãkoana* ser indispensável, deve se atentar a outros comportamentos e hábitos que desagradam aos ancestrais animais. Para que o processo ocorra verdadeiramente, é necessário que a pessoa tenha atitudes que honre os *xapiri*, para que se mantenham por perto nutrindo este vínculo. Um dos padrões de atitude que afasta os *xapiri* é observado quando os jovens iniciam sua vida sexual muito cedo, não conseguindo focar o pensamento em outra coisa. Segundo Davi: “os *xapiri* preferem meninos que crescem sem olhar para mulheres”¹². Uma vez que essa falta de foco não agrada aos *xapiri*, da mesma forma que o perfume das folhas de mel *puu hana*, que as mulheres utilizam como enfeite. É de extrema importância estar atento ao processo, sem nenhuma distração, para vivê-lo de forma íntegra e enriquecer a conexão contida neste.

Outro hábito que desagrada aos *xapiri* é quando jovens caçadores se alimentam de suas

¹¹ Cf. Kopenawa e Albert, 2015, p 137.

¹² Cf. Kopenawa e Albert, 2015, p. 95.

próprias presas, pois, isto afeta a forma como sonham, prejudicando sua conexão com o “mundo dos espíritos”. Para agrada-los, é necessário que se mantenha um vínculo com a floresta, a mantendo em seu pensamento e a estudando, pois, ao observa-la pode se tornar bom caçador. Os bons caçadores, fazem com que os espíritos animais se apaixonem, por notarem suas habilidades. Entretanto, é preciso que estes caçadores estejam determinados e inteiramente entregues a sua atividade, também sem nenhum fator distrativo. Este vínculo a floresta e seus ensinamentos são ancestrais, toma-se como exemplo antigos caçadores e seus feitos para sua tribo, e, como estes agradavam aos espíritos que protegiam aos habitantes da floresta.

Quando se inicia o uso de *Yãkoana* alguns cuidados precisam ser tomados, pois, certos hábitos afastam os espíritos, impossibilitando um progresso nesta iniciação. O silêncio é um dos fatores mais importantes, já que excesso de movimentação não os agrada. Sendo o jejum uma das condições principais, já que, não é permitido se alimentar de carne, fruto de caça e beber água do rio da floresta. Os primeiros usos deste pó, possuem como objetivo purificar o corpo do xamã, o limpando de tudo que possa afastar os *xapiri*. Sua alimentação ocorre exclusivamente no “tempo do sonho”, onde os *xapiri* o alimenta com sua “comida invisível” utilizando apenas o pó de *Yãkoana*. Este exercício de limpeza, consiste em retirar física e espiritualmente qualquer tipo de “sujeira” que o futuro xamã carregue consigo, para iniciar este novo momento de sua vida, sendo outro, limpo, sem barreiras, pode entrar em contato com os espíritos da floresta sem dificuldades.

Entretanto, esse processo não se faz incomplexo, dura bastante tempo até que haja uma real compreensão de como este se configura e a primeira visualização dos *xapiri*. O jejum realizado pode alterar significativamente o corpo físico, a pessoa perde muito peso e fica muito magra/fraca, pois, deixa de ingerir alimentos. Todavia, o iniciando comprometido com seu processo, não sente fome, sede ou dor, os espíritos afastam essas sensações. Este exercício de purificação funciona como um movimento de identificação, onde é importante agir como semelhante para nutrir o vínculo. Sendo assim, um dos fatores mais importantes é a alimentação, esta precisa ser similar à do *xapiri* que está estabelecendo contato.

Caso sejam *xapiri* que se alimentam de néctar e frutas, o xamã não pode comer carne ou alimentos cozinhados na brasa, como por exemplo, macaxeira e carnes advindas da caça. Os alimentos devem ser “branco e sem gosto”¹³, similares a alimentação de animais herbívoros.

¹³ Cf. Kopenawa e Albert, 2015, p 140.

Entretanto, em outras fases do processo, quando os espíritos animais carnívoros dançarem para o xamã, este consumo poder ser retomado. O alimento do xamã deve ser o alimento do *xapiri*, assim como é o pó de *Yãkoana*.

O consumo deste alucinógeno faz com que a “imagem” da pessoa seja levada para parte superior da floresta, onde é possível observa-la em sua totalidade. Em alguns casos, o indivíduo não conseguem finalizar o processo de formação, uma vez que, este possui um grande nível de dificuldade. Há casos em que os *xapiri* não “simpatizam” com a pessoa (pelos mais diversos motivos, como por exemplo, esta continuar mantendo relações sexuais), por consequência batem fortemente em seu peito, a assustando para que desista. Durante os usos contínuos do pó, não se deve manter contato com mulheres, e quando é possibilitada a volta do processo de alimentação, com comidas vindas da floresta, este acontece dependendo dos espíritos que estão mantendo o contato.

O fortalecimento de vínculo acontece por meio deste processo, quando esses hábitos se tornam cada vez mais frequentes, assim, os *xapiri* avaliam se estas pessoas são dignas de se tornarem xamãs. Outro fator determinante para esta conexão, é a comunicação, o xamã precisa aprender sobre a dança e os cantos dos *xapiri*, para reproduzi-los. Estabelecendo com estes uma troca a partir de uma intercomunicabilidade. Deve se escutar atentamente seu canto, para saber pronunciar suas palavras, e, dançar como eles quando descerem para se apresentar. Observar os *xapiri*, é compreender a floresta, assim como os que estiveram presentes nela no “primeiro tempo”. Esses ensinamentos ancestrais são ensinados aos novos xamãs “[...] como sempre fizeram nossos ancestrais com seus filhos e genros”¹⁴, através de palavras e ensinamentos que transcendem a carne e a condição física, uma vez que o ato fortalece a memória, a mantendo viva junto destes.

Chamar os espíritos para dançar é a forma a qual os Yanomami realizam a manutenção da ordem e proteção da floresta, consequentemente de seus habitantes. Deste modo, afasta os seres maléficis (denominados *ně wãri*) e invasores distantes, para que não roubem suas “imagens”, caso isto ocorra, os *xapiri* irão recuperá-la e atacá-los. De acordo com Davi: “Não fazemos isso à toa. Fazemos porque somos habitantes da floresta, filhos e genros de *Omama*”¹⁵ Este seguimento de ação é valorizado como ato ancestral, sendo de suma importância realizá-lo para dar continuidade as ações de proteção à floresta, enquanto lar e meio para exercício da

¹⁴ Cf. Kopenawa e Albert, 2015, p. 148.

¹⁵ Cf. Kopenawa e Albert, 2015, p. 85.

espiritualidade.

Como outra forma de proteção, os xamãs costumavam proteger as crianças doentes de “seres maléficos” da floresta, a partir de seus passes, escondiam a imagem destas em uma tipoia (*yaremaxi*), para guarda-las em lugares denominados como “casa de espírito morcego” e “canao do espírito anta”. Estes locais possuíam características específicas que dificultavam o acesso destes seres, o que auxiliava para que estes não se aproximassem. Os adornos, que não eram visíveis aos olhos humanos, também eram utilizados para proteção, pois, facilitavam a identificação dos *xapiri* com a pessoas que o estivesse usando. As ações dos xamãs possuem grande relevância, são observadas e transformadas em ensinamentos pelas pessoas da aldeia, explicitando uma dinâmica baseada em teoria que se transfaz em prática.

Após estabelecer os primeiros vínculos com os animais ancestrais, é preciso que o novo xamã construa uma “casa de espíritos”, como uma forma de habitação para aqueles que o acompanham, e, local específico para realização dos rituais xamânicos. Visto que, os contatos deixam de acontecer exclusivamente no “peito”¹⁶ do iniciando. Então, é escolhido um lugar adequado na floresta, como uma clareira, para prepararem o terreno, em seguida, erguer a casa neste lugar. Este movimento é realizado em conjunto com o xamã iniciador, responsável por afastar os maus espíritos, que não possuem poder curativo, e dificultam o acesso aos reais *xapiri*. Dançando, este atrai os primeiros *xapiri* que irão construir a casa enviada por *Omama*, contando com uma estrutura repleta de troncos muito pesados, assim como foi criado no “primeiro tempo”. A estrutura desta parecida com a da casa dos habitantes da aldeia, porém, um de seus diferenciais únicos, são os imensos troncos de árvore, que jamais poderiam ser carregados por humanos.

Finalizado o processo de construção da casa, o xamã, que soprou o pó de *Yãkoana* no nariz do iniciando, envia espíritos mensageiros responsáveis por convidar *xapiri* para habitarem a casa de seu novo “pai”. Estes descem de onde o “céu se aproxima da Terra”, atraídos pela beleza da casa e a cerimônia realizada, se agrupam e iniciam sua dança característica. Posteriormente, o silêncio se instaura novamente, os *xapiri* começam a instalar suas redes na casa, que vão se tornando cada vez mais numerosas com a chegada de outros espíritos. Cada uma destas habitações pertence a um único grupo, pois, são baseados em identificações “familiares”, os *xapiri* não se misturam com outros diferentes dos seus.

¹⁶ Fazendo referência ao peito do iniciando como a primeira casa habitada pelos *xapiri*, antes da estrutura física.

A casa de espíritos, assim como o próprio vínculo com os *xapiri*, necessita de cuidados e atenção. Não basta chamá-los para que se abriguem e permaneçam por perto, é preciso dar continuidade aos rituais de conexão. Realizar a manutenção da casa, cuidando da troca de folhas secas e verificando os troncos, para que suas bases não apodreçam. É imprescindível prosseguir com uso de *Yãkoana*, utilizando e dando de beber aos *xapiri*. O xamã enquanto “pai” dos destes precisa manter estes cuidados para com seus “filhos”, assim, estes não se afastam e sua casa não ficará vazia. Caso contrário a morte pode se aproximar do xamã, o fazendo adoecer e impedindo que cumpra sua função, enquanto “protetor curador”.

Estes cuidados com a casa são necessários por serem associados ao poder de cura do xamã, pois, ao fazer crescer sua casa, atrai *xapiri* muito poderosos que, como espíritos auxiliares, colaboram com os rituais de cura e proteção do território. Estas práticas não possuem um “fim”, devem ser realizadas de forma ininterrupta. Quando isto não ocorre, há um enfraquecimento, que se reflete no xamã, prejudicando seu poder de cura. Por isto, se faz necessário estreitar vínculos com outros novos *xapiri*, para potencializar e multiplicar sua atuação, desta forma os espíritos não param de dançar. Assim como foi feito anteriormente por seus parentes, o alcançando por último.

Por este motivo, é importante que o xamã, continue nutrindo seus vínculos, pelos meios que o atraíram, usando o pó de *Yãkoana*, dançando e cantando com os *xapiri*. Se atentando sempre ao que não os agrada, conseqüentemente os afasta, para que sua atenção ao processo não seja dispersada. Estes cuidados são de extrema importância, pelo vínculo subjetivo e singular que se fortalece, mas também, para a conservação de sua ligação com os habitantes da floresta e a natureza. Visto que, apenas o xamã pode transmitir a palavra dos *xapiri*, servindo como um meio para contato destes com os ensinamentos sagrados. Se porventura não o fizer, será descredibilizado, por não estar transmitindo os saberes e histórias de seus antepassados, não sendo coerente com a importância do seu posto na tribo. Sendo sua função “[...] dar a ouvir a língua dos ancestrais animais”¹⁷.

As atitudes dos xamãs são observadas por todos ao seu redor com grande curiosidade e admiração, são vistos de forma inspiradora, como um grande referencial. As pessoas possuem grande interesse pelas palavras dos *xapiri*, por este motivo, se atentam as palavras dos xamãs, para que por meio delas possam estreitar contato com sua cultura. Apenas a palavra de um xamã

¹⁷ Cf. Kopenawa e Albert, 2015, p. 167.

verdadeiro pode revelar as mensagens trazidas pelos *xapiri*, pois, pessoas que não passaram por todo ritual, mesmo após o consumo de *Yãkoana*, não conseguem acessar e compreender seus cantos.

Este processo é extremamente valioso, por ser ancestral, construído e exercido por seus antepassados, incluindo o criador desta floresta, *Omama*. Por esta razão, carrega consigo grande responsabilidade quem optar por fazê-lo, pois, está entrando em contato com sua história, e, os espíritos que preservam a floresta, impedindo que as doenças cheguem e dizimem seu povo. Os *xapiri* dançam para os novos xamãs, assim como dançavam para seus antepassados. O processo é contínuo, e a partir deste, se conecta com toda subjetividade existente quando se trata da cultura de seu povo. Se aprende a dançar, assim como seus antepassados dançaram, e, a cantar, como cantam os *xapiri*. Desta forma, não linear, entra-se em contato com o passado e toda vida semeada por este, enriquecendo o processo e permitindo que este se mantenha vivo e assim, seja repassado novamente, ao ser ensinado a novas pessoas.

Estes ensinamentos chegaram ao conhecimento de Davi Kopenawa, pelas pronúncias e práticas dos mais velhos, que com muito respeito a vivência de seus antepassados, a transmitiram para os habitantes da floresta. Com a finalidade de provocar a compreensão sobre como e por quem a floresta foi criada, como sua cultura se desenvolveu, dando início as práticas cultivadas neste local e o modo de vida característico de sua etnia. Estas práticas possuem significado e vida, deixando de ser algo corriqueiro, são vistas como “extensões de vida” e continuidade de um ciclo, iniciado com um objetivo. Justamente por manterem contato com os *xapiri*, entendem e guardam em sua memória o porquê de dar seguimento a estes hábitos: somente assim, podem proteger a floresta e aos seus. Protegendo os *xapiri*, protegem as árvores, rios, impedem que as pessoas estejam vulneráveis a doenças ou que “desapareçam”.

Assim, defendem também, a palavra Yanomami, *solida*, que não some com facilidade, pois, não se perde em usuais anotações de papel, uma vez que se encontra fixada na memória da terra e de seus habitantes. Ela é vivida e experienciada em práticas concretas, junto e a partir dos seus sendo perpetuada entre as gerações. São palavras dadas por *Omama* e pelos *xapiri*, para assim, se expressarem e se protegerem, sendo escutadas no tempo do sonho, onde se é ensinado sobre a vida. Suas palavras são também uma ferramenta para narra a vida, fazer política e resistir, sendo utilizadas como um meio de conexão ancestral.

2.3 A ESCOLA É O MUNDO DOS SONHOS.

Para os Yanomami, consoante a formação que ocorre em sua cultura, sonhar é estudar. Para adquirir conhecimentos, sobre si, seu povo e sua floresta, é preciso realizar estudos que ocorrem no tempo dos sonhos, sendo este, um momento/espço onde a pessoa se insere enquanto sonha. Sua forma de estudar difere da conhecida em espaços “distantes” da floresta, esta ocorre a partir de seu processo de formação em seu meio. Em que precisam estar presentes nesta, se relacionando com a terra, com seus elementos, habitantes e também sonhando. Pois, quando sonham, se transformam em “imagens fantasmas” e podem observar os *xapiri* descenderem, ao entrarem em contato com eles acessam memórias e conhecimentos ancestrais, transmitidos por esses seres que vivem nesta floresta há muito tempo.

Sonhar funciona como uma “escola”, onde se aprende sobre a vida, a partir de histórias e memórias, que possuem vínculo direto ao que se constitui como rede de vidas presentes na floresta. É possível acessar a estas memórias estabelecendo uma ligação com a terra, nela se encontram todas as energias de vida que já a habitaram, ou a partir das narrativas de homens que falam sobre acontecimentos e hábitos da época de seus pais e avós. Entretanto, o ato de sonhar funciona como um fator impulsionador para o acesso a esses saberes, que estão sendo perpetuados por várias gerações. Tornando possível compreender sobre a vivência ancestral, ou sobre a própria floresta, quando se viaja sob ela com os *xapiri*.

Há diferenças entre os sonhos de uma criança, em seus primeiros contatos com os espíritos da floresta e dos xamãs, que após realizarem seu processo de iniciação, se encontram aptos para sonhar verdadeiramente. É preciso considerar que estes, fazem o uso do pó de *Yãkoana*, responsável por abrir caminhos e a mente, para visualizar a vida presente, passada e acessar as mensagens dos *xapiri*, ao dançar e cantar com estes. O sonho guia os ensinamentos na aldeia, o xamã que adquire os conhecimentos diretamente, os repassa para seu povo, iniciando uma ação em cadeia. Onde todos transmitem os saberes adquiridos sobre o modo de vida desta cultura, conhecido e aprendido através do que se encontra fixado na memória.

Os saberes repassados, são referentes aos ensinamentos de *Omama*, o primeiro grande professor do povo Yanomami. Foi ele quem recriou a floresta e tudo que se sabe sobre ela após a primeira queda do céu, por este motivo, é de suma importância ter contato com seu conhecimento e sabedoria. Os primeiros contatos com o tempo do sonho e as primeiras conexões estabelecidas com os ancestrais animais, definem como este vínculo será

caracterizado. Como um chamado para que a pessoa se atente a possibilidade de se tornar xamã, pois, apenas estes podem compreender de fato a mensagem passada no sonho, uma vez que “Com olhos de vivente, não é possível ver realmente as coisas”¹⁸. Por isto a presença e existência destes líderes espirituais é tão importante, visto que, estes possuem a função de “conscientizar” os habitantes da floresta sobre a verdade conhecida pelo aprendizado adquirido. Atuando como “professores” conjuntamente a seu povo, em um processo práticas coletivas.

O sonho e a pronúncia estão associados, por meio de uma ligação que agrega valor para ambos. Sem a pronúncia, seria impraticável o ato de acessar as memórias dos nativos pertencentes a esta aldeia, de forma coletiva. E, por não acessá-la, esta poderia cair no “esquecimento”, fazendo extinguir-se o sonho enquanto escola. Como uma via de mão dupla, o sonho traz relevância a todo o processo, se não fosse por ele, as palavras ditas e histórias contadas teriam perdido seu valor, se tornando vazias e esquecíveis. É preciso viver e pronunciar o sonho, para atingir a todos, fixando-o na mente de quem o conta e de quem o escuta. Assim, compartilhando-o, transforma-se em uma escola, para todos, por todos, que a entendam como prática de vida.

A importância do ato de sonhar, é reconhecido como algo que vai muito além de uma simples consequência do adormecer. Ela é compreendida como algo advindo da subjetividade humana, como um “ambiente” que é valorizado e querido. Por ser um momento de aprendizado e conexão humana, com as redes de energia da floresta, primeiro se faz como processo de autoconhecimento, para que em seguida se torne conhecimento de todos. O sonho traz significado à vida dos Yanomami, através dele podem compreender a origem de sua existência, de seus hábitos e práticas espirituais, se refletindo em seu modo de vida.

Foi *Omama*, quem criou e ensinou a prática de sonhar, por este motivo, este sonho só pode ser experienciado pelos habitantes de sua floresta. Uma vez que foi lhes transmitido por quem a originou. Para que este seja um meio de fazer fluir seus ensinamentos, pois, estes não podem ser encontrados escritos ou desenhados. São apenas pronunciados, o que nos atenta mais uma vez, à importância dada à narração e pronúncia como um reavivamento dos ensinamentos de seu demiurgo. Dado que, são pronúncias de uma forma de vida constituída no coração da floresta, que se consumou em linguagem Yanomami, linguagem que pode ser escutada em sonho, utilizada como vetor para comunicação e aprendizado.

¹⁸ Cf. Kopenawa e Albert, 2015, p. 458.

A pronúncia é transformada em hábitos, de forma que fortifica as palavras, impedindo que sejam vazias, e ao carregar valor consigo se fazem vivas. Por isto são utilizadas até hoje, a partir delas é possível estabelecer uma conexão com os *xapiri*, no tempo dos sonhos. Funcionando como uma ferramenta, que indica um dos primeiros fatores de identificação, formando uma ponte entre o que é falado e praticado. A prática de vida e a transmissão de ensinamentos pela oralidade, configura um modo de educar em que não é necessário uma estrutura escolar, pois, esta se encontra na floresta por si só. O conteúdo a ser estudado é aquele dado pelos *xapiri*, no tempo do sonho, este é o seu aprendizado. Que não necessariamente segue a um padrão, podem ser adquiridos por exemplo, por meio dos discursos *hereamuu*¹⁹ entoados durante cerimônias, como a festa *reahu*, por líderes das tribos. A educação é configurada e seguida conforme as leis de *Omama*, conscientemente pelo seu povo. Que compreendem a importância de seus ensinamentos e práticas.

Sendo assim, é possível percebê-lo também como um elo, que une as pessoas pertencentes a esta aldeia. O desejo de acessar os conhecimentos provenientes do criador da floresta *hutukara*, origina uma conexão entre os viventes e os xamãs. Tornando possível que vivam em comunhão a prática de todos os ensinamentos adquiridos. Estes conhecimentos perpassam por toda criatura viva da floresta, as conectando entre si, uma vez que, este configura suas práticas e atribui importância a elas. Principalmente por serem realizadas coletivamente, dando continuidade aos hábitos e falas ancestrais. O processo de contiguidade deste modo de vida, que preza pela proteção e estabilidade do todo, é o que ainda mantém viva a floresta.

No sonho, se aprende a como cuidar da floresta, compreendendo esta como sua fonte de conhecimento e morada, onde ocorre sua prática de vida. Apenas nesta floresta os Yanomami podem existir, pois, foi criada por *Omama*, nela está enraizado o processo de formação e identificação desta etnia. Por este motivo há uma relação de dependência com esta, sobreposta por um vínculo profundo. Sendo assim, evidenciando a importância do sonho como local de compreensão sobre esta vida na floresta, única e específica deste povo, e prática que mantém a ordem e percepção sobre a magnitude das conexões encontradas nesta relação. É por meio dele, que se estuda a partir de imagens ancestrais, cantos e danças dos *xapiri*, a vida que antecedeu a sua, possibilitando sua existência e permanência.

Este contato é uma forma de aprender sobre a floresta, em conjunto a cada ser

¹⁹ Discursos realizados por “grandes homens”, durante cerimônias, que possuem caráter significativo e tom formal. Por meio destes, transmitem ensinamentos, sobre suas vivências e de seus antepassados

pertencente a ela e sua carga de conhecimentos. Cada indivíduo presente nela, possui uma história, hábitos e práticas construídos com objetivos específicos. Por exemplo, os *xapiri*, com seus cantos e danças, impedem o caos de retornar a floresta, tornando evidente a importância do estudo da vida por meio dos sonhos, como uma das formas de manutenção da existência de seus habitantes. Esta manutenção deve atingir a diversos níveis, a todos os seres que a habitam, uma vez que cada um deles constitui um tripé, que garante a estabilidade de seu território. Assim, se torna possível compreender a vida e seus sentidos, do porquê que configura e justifica toda causa e consequência relacionada a existência da floresta. Como um local que agrupa saberes ancestrais, adquiridos horizontalmente, repassados através de pronúncias, subjetividades e sentidos que atravessam a prática de vida dos Yanomami.

A escola é encontrada por meio do sonho, lá se aprende sobre a vida que está presente e a antecedente, por meio de informações e saberes que se transmitem em práticas de todos os pertencentes à aldeia. Sem hierarquias que definem conhecimentos como superiores ou inferiores, mas como conhecimento orgânico, conhecimento do povo que habita a floresta e os adquire a partir de suas experiências dentro desta. Este foi ensinado por *Omama*, transmitido para seus filhos que o passaram adiante. Desta forma, se configura a escola dos Yanomami, por uma práxis concreta, advinda da transmissão de conhecimento compreendido verdadeiramente por todo seu povo. E, por ser assim, resulta em práticas verdadeiras, tomadas por consciência coletiva, que guia os atos. Contemplando a tradição da vida que os envolve, guiando suas práticas, para que não sejam vazias, protegendo seu povo, a história de sua floresta e a natureza encontrada em todos seus elementos.

3 “EDUCAÇÃO” PARA A PRODUÇÃO DE FORÇA DE TRABALHO

3.1. A CHEGADA DO “HOMEM BRANCO” À FLORESTA E A DESTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO NO TERRITÓRIO INDÍGENA.

A vida na floresta é marcada por sua singularidade, especificidade de práticas e formas de compreensão desta. Este meio é lido pelos Yanomami como uma grande entidade viva, que em conjunto a seus habitantes mantém a ordem de todas as coisas pertencentes a este grande fluxo de energia. Esta foi criada pelo demiurgo pertencente a esta etnia, assim como este povo e todos seus hábitos, desde o “primeiro tempo” vem sendo protegida por conjuntos de práticas que possuem como objetivo a manutenção de sua estabilidade. Para que tudo que foi criado e habita a floresta continue existindo e compondo o todo, pois, cada ser alimenta esta vida de sua forma e possui um grau de importância nesta rede.

Em sua gênese os únicos habitantes desta floresta eram os filhos de seu criador, o que engloba os animais, seres humanos, rios, árvores entre outros. Eram eles que a protegiam mantendo conexões profundas com os *xapiri* e seus ancestrais, cuidando de seu plantio e realizando festas *reahu*, para receber bem seus convidados, uma vez que os vínculos eram estruturados a partir de relações comunitárias estabelecidas pela convivência. Estreitavam seus laços ao sair para caçar juntos ou quando plantavam em suas roças, já que, sua preocupação se concentrava na produção de alimentos, que mais tarde poderiam ser compartilhados entre si em troca de palavras bonitas e agradecimentos. Apenas seus hábitos e costumes imperavam na floresta até este momento.

Havia também o hábito dos antigos xamãs compartilharem seu sopro de vida com os mais novos, visando transmitir sua sabedoria e conhecimento sobre a floresta. Para dar continuidade as práticas que nutriam o vínculo destes habitantes com os *xapiri*, pois, cantando e dançando com estes manteriam a proteção de seu território e povo. Era notável a ausência das mulheres como figuras de poder, já que a formação para se tornar xamã era dominada pelos homens, enquanto as mulheres eram direcionadas a atividades mais artesanais, domésticas ou práticas de “maternagem”. Sendo estas postas como má influência para os homens em seus períodos de jejum, já que de acordo com sua crença, o cheiro das plantas que utilizavam em seus adornos afastavam os *xapiri*. Esta concepção provocava uma diminuição da aproximação das mulheres de certos postos nas relações dos povos da floresta, resultando na ausência destas, na ocupação destes âmbitos.

O “primeiro tempo” faz alusão a um momento em que a vida na floresta e suas práticas eram as usuais estabelecidas por seus ancestrais, mantendo sua particularidade e o sentido de suas vidas baseados em uma identificação e compreensão de como esta se constituía, sem interferências externas. Nesta época, o pensamento dos Yanomami ainda possuía como foco as criações de *Omama* e seus ensinamentos, buscavam viver da forma que lhes fora ensinado, zelando por uma prática de vida atrelada a sua ancestralidade, porque assim se mantinham fortes e numerosos. A floresta permaneceria então neste mesmo estado, mantendo os hábitos criados em sua gênese, para que assim pudessem concentrar-se em produzir para subsistência, sua própria palavra e pronúncia.

Os objetos materiais utilizados em seu cotidiano eram produzidos a partir de matérias-primas que poderiam ser encontradas em sua própria floresta, como, por exemplo, pedras, bambus e caroços de frutas. A partir destes confeccionavam artigos que eram utilizados para caça, em suas roças ou que poderiam ser trocados com outras famílias durante as cerimônias e festas. No decorrer deste tempo, a morte ocorria naturalmente, segundo sua crença poderia se dar quando o espírito da pessoa era devorado por um xamã inimigo, quando aconteciam incidentes na floresta, ou até mesmo quando a pessoa envelhecia ao ponto de secar e perder sua visão. De acordo com Kopenawa “As pessoas só morriam de vez em quando” (Kopenawa e Albert, 2015. p. 224). O contato com a morte não era tão frequente, sendo na maioria das vezes gerado por causas naturais, quando ocorria a família do indivíduo realizava uma cerimônia para prestar luto e se despedir.

Os primeiro contatos com os “homens brancos” ocorreram ao passo que estes começaram a adentrar a floresta com seus diferentes propósitos, os primeiros grupos a estabelecerem um contato foram os de missionários e as pessoas que trabalhavam na FUNAI.²⁰ A chegada destes trouxe consigo muito mais do que objetos desconhecidos anteriormente, junto de facas, espelhos ou panelas de alumínio, iniciou-se a destruição de tudo que se encontrava intacto até então. Novas doenças e epidemias chegaram na floresta, acarretando um aumento do número de mortes daqueles que não se encontravam prontos para tamanha contaminação. Estas foram denominadas como epidemia *xawara*,²¹ doenças invisíveis aos olhos que possuem diversas ramificações, são oriundas das atividades e presença do homem branco na floresta. Estas

²⁰ Sigla referente a Fundação Nacional do Índio, órgão governamental responsável por zelar pelo direito dos povos indígenas e a demarcação de terras. A FUNAI foi fundada durante o período de Ditadura militar no Brasil.

²¹ Palavra de origem Yanomami utilizada para retratar todas as doenças trazidas pelo homem branco para floresta. Tais como a malária, ou contaminações advindas das “fumaças de metal” relacionadas a atividade de garimpo

quando contaminam os habitantes deste território, podem sujar seus espíritos a ponto de nenhum ritual xamânico ser o suficiente para limpá-los. O que destaca a potência destrutiva deste processo de invasão e infecção, por ser algo novo e desconhecido dentro de seu território não há entendimento sobre como se proteger, uma vez que, se diferencia de suas práticas habituais.

As interações modificaram aquilo de mais subjetivo que circulava pelo fluxo de vida da floresta, havendo uma “contaminação” de toda cultura a partir da inserção dos “brancos” em cada detalhe de seus hábitos e pensamentos. Sendo este, outro ponto a ser evidenciado, pois, inclusive os pensamentos dos Yanomami foram afetados pela influência destes invasores. Já não se pensava apenas sobre a floresta e as palavras de *Omama*, o contágio atingiu também o que não é físico, o pensamento que antes era focado nos *xapiri* passa a ser direcionado ao modo de vida dos brancos e preocupações relacionadas à sua presença em seu território. A mercadoria agora está no centro das atenções, os novos objetos utilizados pelos invasores são notados e desejados pelas pessoas das aldeias. A destruição provocada por estes também é constatada por aqueles que a sentem na pele diariamente.

A interferência dos colonizadores provocou um distanciamento dos Yanomami de suas conexões estabelecidas com a floresta. Esta não é mais silenciosa, as palavras pronunciadas não são mais apenas as de *Omama*. Isto é uma das consequências do que Davi Kopenawa define como “pensar coisas de branco”, direcionar seus pensamentos e ações a um outro modo de vida. O que passou a ocupar todo tempo em que normalmente estariam praticando suas atividades culturais, se conectando com a floresta e seus ancestrais. As vestimentas utilizadas também sofreram modificações e deixaram de ser as suas, os missionários lhe disseram que deveriam cobrir suas “partes íntimas”. Assim deixaram de as expor como era de costume.

Essa invasão poluiu a cultura dos indígenas desta etnia, suas palavras se emaranharam a palavra dos brancos, tornando-se confusas, deixando de transmitir apenas os saberes de seu povo. A invasão do “homem branco” à floresta não só provocou a morte de coisas físicas, atingiu também as ideias, os pensamentos ancestrais que não mais poderiam ser transmitidos como em seu princípio, pela oralidade, uma vez que houve uma dispersão sob a vida na floresta. Anterior a este momento, as pessoas mais velhas buscavam compartilhar os saberes sobre sua ancestralidade e terra, para que as crianças não crescessem compreendendo sua história e cultura, para que continuassem a nutrindo e mantendo viva. Por este motivo, os xamãs entendiam a importância de pronunciar suas próprias palavras, como uma forma de conservar este vínculo cultural.

No momento anterior a invasão, as figuras admiradas eram a dos xamãs, caçadores e os mais velhos, que carregavam consigo muita experiência de vida. “Só tomávamos como exemplo a maneira de nossos maiores”,²² o foco estava em ser como os seus, por questões de identificação destes como iguais, e, porque foram criados para serem desta forma. Até este momento a atenção estava direcionada para aquilo que trazia uma sensação de pertencimento, após a chegada dos brancos isto se modificou, uma vez que a concentração se destinou para os seus hábitos.

O medo foi um dos sentimentos que se tornou mais frequente para os habitantes da floresta, visto que, as consequências negativas da convivência com os invasores se tornavam mais evidentes. Sua forma de se relacionar com a floresta os assustava, era nítido que se interessavam por ela e buscavam estudá-la, para saber sobre o seu tamanho e o que se encontrava dentro desta. Todavia, seus objetivos eram divergentes aos dos nativos, incluindo sua forma de se relacionar com estes. Estavam sempre querendo lhes “ensinar”²³ sobre sua moral e bons costumes, buscando modificar os hábitos advindos da tradição cultural desta tribo. Julgavam-se superiores a ponto de poderem classificar quais práticas eram aceitas, ou se alguma família deveria perder a guarda de suas crianças. Para elucidar, por este motivo, sempre que os brancos estavam por perto, as mães escondiam seus filhos, os mantendo seguros para que eles não fossem levados para longe da floresta.

A diferença das línguas faladas foi um dos fatores que auxiliou esta aproximação aos indígenas, posto que não havia muita clareza quanto aos objetivos dos homens brancos para com sua floresta. Estes a observavam como uma porção de terra que possuía determinado valor, diferente daquele dado pelos Yanomami. Os brancos derrubavam árvores para abrir espaço para seu gado, poluíam os rios e a mata com o seu garimpo, sem sequer notarem ou se interessarem pela morte provocada por suas atitudes. Conduzidos pelo seu modo de produzir e trabalhar, assujeitavam os seres a estas práticas de reprodução, sem questionar as problemáticas contidas nesta.

Os objetos de metal levados para o território indígena possuíam um forte odor e um pó, denominado como *poo pë wakixi* a fumaça do metal, que impregnava os pulmões das mulheres, idosos e crianças os levando a morte. Por um tempo, acreditava-se que este pó era responsável

²² KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. 2015. p. 240.

²³ Entende-se ensinar como doutrinar, uma vez que os brancos consideravam seus hábitos corretos e superiores. E, por sua falta de compreensão acreditavam que deveriam muda-los, par que se adequassem a sua forma.

por dar origem a todas as doenças que acometiam as pessoas da tribo. Os tecidos doados pelos brancos também afetavam a saúde dos povos da floresta, os causando tosses intensas difíceis de serem curadas. Todos os novos objetos inseridos na vida dos nativos provocavam alergias e doenças que desestabilizavam sua saúde, pois provinham de modos de produção que resultavam em poluição, do território, seus habitantes e dos trabalhadores.

Outrora, “seus corpos eram frescos como a floresta que sempre viveram, sem remédio nem vacina”,²⁴ o que enfatiza que sua conexão com o território, sem influências externas, constituía por si só uma forma de proteção. Sabiam como se proteger, pois, conheciam aquilo que os atingia, o porquê de sua causa e quais eram as consequências, entendiam quais ervas e plantas poderiam ser úteis ou qual ritual deveria ser realizado. A base de todo seu conhecimento estava na floresta e suas práticas de vida, logo, tudo que era proveniente de regiões mais distantes acabaria por desregular seu fluxo. Isto pode ser notado quando se trata de questões relacionadas à morte causada pela epidemia *xawara*, que havia se tornado mais frequente, modificando o processo natural até então conhecido. Onde o ser da morte, denominado *Nomasiri* e o ser da noite *Titiri*, os faziam desaparecer quando chegada a hora de sua morte, do mesmo modo que aconteceu com os seus antepassados, compreendendo haverem vivido tempo suficiente viviam este processo de morte, felizes.

Esta aproximação aos homens brancos resultou em imposições que geravam modificações da cultura e modo de viver Yanomami, os novos objetos, que traziam consigo algumas doenças, eram utilizados também como forma de distração e moeda de troca. A relação dos invasores com a floresta ostentava desrespeito, uma vez que não a liam como uma entidade sagrada e lar de seus habitantes. Não procuravam protegê-la em conjunto aos *xapiri* impedindo o céu de cair, apenas destruíam suas árvores e rios ignorando seus significados, saberes e a vida contida intrinsecamente nestes. Caso fossem contrariados pelos habitantes desta os torturavam e escravizavam, tomados por um sentimento de posse e embasados em uma visão de superioridade, agiam sem considerar a vida e pensamento de quem já se encontrava naquele território.

Estes sentimentos de posse, dominados pelos brancos, não eram experimentados pelos Yanomami, apesar de habitarem esta floresta desde seu princípio, buscavam apenas compreendê-la para poderem conviver em harmonia. Possuíam a consciência de que esta nunca

²⁴ KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. 2015. p. 250.

estivera vazia, sempre foi à terra de *Omama* e seus descendentes, se mantendo assim até a chegada de colonizadores, que possuíam concepções incompatíveis as suas. Incompatibilidades de práticas de vida, de valores, que se estendiam até o âmbito espiritual, os brancos sempre buscavam modificar as estruturas encontradas, de forma que estas se adequassem a suas crenças e condições. Quando chegaram na floresta, levaram consigo seus conceitos morais do que seria aceito ou não, seu modo de trabalhar e se relacionar socialmente, visando moldar de acordo com suas crenças as práticas encontradas, para que os nativos abandonassem seus hábitos e passassem a agir como as pessoas da cidade.

Um exemplo claro desta deformação cultural pode ser visualizado junto da chegada dos missionários evangélicos²⁵ à aldeia, tornando ainda mais evidente a intenção de provocar uma mudança naquele ambiente, incluindo a esfera espiritual. Estes passaram a ditar a forma a qual as coisas deveriam ser feitas, de acordo com sua religião e o deus que adoravam, *Teosi*. Demonizando o xamanismo e uso do pó de *Yãkoana* durante os rituais de conexão com os *xapiri*, pois, os caracterizavam como sendo pecado. Apresentavam novas informações sobre como a espiritualidade deveria ser exercida, através de palavras desconhecidas pelos habitantes daquele território, provocavam um afastamento de suas práticas e conexões ancestrais. Caso houvesse uma discordância quanto as práticas, instauravam medo nas pessoas utilizando palavras raivosas e punições, de modo a seguir a submetendo os Yanomami ao seu controle e crença religiosa.

Os habitantes da floresta possuíam sua própria identidade cultural e espiritual, se identificavam com o que lhes fora ensinado sobre as leis de *Omama*, compreendiam o sentido e significado de suas práticas. Sendo assim, a forma a qual os missionários buscavam impor suas práticas religiosas se designa como um ato de violência, uma vez que os anula e afasta do que traz um real significado à sua relação com a floresta. Em sua origem, buscavam estudar a floresta para compreender seus hábitos e a história de seus antepassados, através de suas práticas produtivas realizavam modificações na natureza que fizessem jus a sua vivência e necessidades, considerando o compromisso com os seus. Com a chegada dos “homens brancos” e sua concepção, as atividades sofreram alterações e deformações conforme a lógica de relações seguida por estes.

Assim como ocorreu com a chegada dos missionários, seus hábitos foram substituídos por

²⁵ Missionários evangélicos norte-americanos pertencentes a organização New Tribe Mission (1967), que se instalavam próximos as aldeias a fim de catequizar os povos indígenas de acordo com o cristianismo.

orações e cultos a um novo deus. Este, não era um “deus” Yanomami, possuía características brancas e a forma de interpretá-lo e honrá-lo diferia da conhecida anteriormente. Seus ensinamentos eram aprendidos por *peles de imagens*, onde suas palavras se encontravam gravadas, estas por muitas vezes amedrontavam e reprimiam certos hábitos. Explicitando a associação do deus espiritual ao deus do trabalho, que ditava as práticas e cerceava as relações sociais, a fim de dominar os seres com suas imposições.

No início, os nativos se aproximaram dos missionários para que pudessem conseguir mercadorias ou medicamentos, entretanto, isso foi utilizado pelos brancos como uma forma de iniciar o processo de doutrinação, a partir de justificativas condizentes a sua religião. Esta imposição fugia da lógica seguida anteriormente pelos filhos da mata, dado que, estas palavras, informações e o próprio deus adorado pelos brancos não eram os mesmos ensinados e conhecidos pelos seus antepassados.

Segundo relato de Davi Kopenawa: “ não compreendíamos bem aquelas palavras de branco. Não eram as de nossos antepassados, que nunca nos haviam dito: “Pai *Teosi* existe, ele nos protege!”. Nem conhecíamos esse nome antes da chegada daqueles forasteiros” (Kopenawa e Albert, 2015). O que faz alusão a não identificação com a mudanças postas pelas pessoas vindas de fora da floresta, enfatizando a importância dada ao vínculo com o território e toda história construída dentro deste ambiente como algo característico do povo de sua etnia.

A imposição de uma religião, mudança de vestimentas, inserção de novos objetos fabricados fora da floresta, foram implementados pelos brancos a fim de introduzirem seus hábitos, para que também fizessem parte desta floresta e pudessem domina-la. Gradualmente se infiltravam enquanto apagavam a cultura pré-existente, a categoria trabalho também foi incluída neste meio, os habitantes das aldeias eram convidados ou obrigados a trabalhar em outras regiões, para contribuir com o objetivo dos brancos neste processo de colonização. Deixavam suas roças para realizar um trabalho diferente do que já estavam habituados em outros espaços, como, por exemplo, as novas tarefas consistiam em acompanhar pessoas que trabalhavam na FUNAI em troca de mercadorias. O que evidencia o afastamento dos Yanomami da prática consciente de suas atividades, voltadas a uma valorização da produção pelas vias das necessidades humanas, as substituindo por um “trabalho” onde o objetivo era a valorização mercadológica da produção e seu valor de troca.

As mercadorias eram utilizadas como atrativos que sustentavam as relações dos indígenas com os “homens brancos”, os objetos adquiridos na própria floresta já eram

suficientes, todavia, os novos artefatos eram vistos com muita curiosidade, e foram o pontapé inicial para a compreensão do valor das trocas comerciais nas relações humanas. Estas ocorriam na cidade, mas, foram estabelecidas também na floresta, em conjunto ao dinheiro eram condicionantes para o acesso a essas relações, exemplificando a forma como os brancos lidavam com a vida e o mundo, os vendo como um grande negócio que lhes traria lucro. Lucro este procurado nas florestas e colocado acima de qualquer aspecto cultural encontrado ali, o valor dado as coisas também foi modificado, o que antes eram fontes de conhecimento sobre a vida, agora eram tidas como fontes de dinheiro.

Provocando um verdadeiro massacre a especificidade encontrada anteriormente neste ambiente, a floresta era o livro dos Yanomami, sendo sua principal matriz de educação, onde aprendiam em conjunto sobre suas experiências e práticas. Antes se sonhava a floresta, vivendo nela e a partir dela para exercer suas atividades culturais, o vínculo era profundo, havia uma interligação entre ela e todos os seres vivos que a habitavam. A chegada dos brancos transforma isto de forma devastadora, o pensamento agora se direciona a eles, suas atividades relacionadas a trabalho e dinheiro. Sendo assim, ocorre um distanciamento das práticas naturais deste povo, que confusos com a chegada nebulosa dos homens brancos a sua casa, possuem dificuldade quanto a percepção de seus reais objetivos, sendo afetados diretamente por estes.

A forma como se lida com o território indígena passa ser foco de preocupação, uma vez que, a floresta passa a ser visualizada como uma forma de obtenção de lucro. Que ocorre de maneira inconsequente, guiada por uma lógica de consumo e produção que ignora a salubridade e vida envolvida neste processo. Resultando em uma danificação a saúde daqueles inseridos nesta dinâmica, como os brancos que realizam o trabalho, os indígenas que habitam a região invadida e o próprio meio ambiente, vítimas da criação de um sistema mortífero. A cobiça pelo acúmulo de bens materiais e dinheiro ultrapassa toda possibilidade de relações saudáveis, com grupos de diferentes culturas ou o próprio meio envolvido, uma vez que os desconsidera e invisibiliza.

A atividade de garimpo invade a floresta modificando suas redes de conexão e apagando sua história, ao sobrepor seu objetivo de lucro às vidas e diversidades ali encontradas. Os metais, adquiridos durante a extração adoecem as pessoas envolvidas em seu processo, os Yanomami já possuíam consciência sobre isto, pois, por meio dos ensinamentos de *Omama*, compreenderam que o excesso de minérios é maléfico a saúde, por esse motivo seu deus os escondeu embaixo da terra, dificultando o acesso e os mantendo seguros, disponibilizando

apenas o que lhes era necessário, como os alimentos e suas roças. Por isto esta atividade os causam tanto temor, a forma abusiva de extração desses metais compromete a rede de proteção e existência da floresta, uma vez que provoca um desequilíbrio ao interferir na estabilidade física do território e dos seres que o habitam.

A lógica de produção e consumo perpassa as relações interpessoais e o meio com o qual as pessoas da cidade estão inseridas, visto que, apenas as palavras sobre mercadoria ocupam o pensamento dos brancos. Estes, intitulados por Kopenawa como o “povo da mercadoria”, possuem um vício por produzir e acumular infinitamente, independentemente do quão destrutivo é este processo. Suas vidas são baseadas obsessivamente nesta logicidade, mesmo que para atingi-la precisem destruir tudo que os cerca. Esta é transmitida a seus descendentes, que dão continuidade a este movimento de pulverização da organicidade da vida, ao colocarem a mercadoria acima do seu próprio bem-estar e demandas.

De acordo com Davi isto ocorre, pois: “se apaixonaram por esses objetos[...] Isso os fez esquecer a beleza da floresta” (Kopenawa e Albert, 2015, p. 407), a única beleza admirada e respeitada pelos brancos hoje é a do dinheiro e o trabalho como via de sua produção e aquisição. Houve uma inversão de valores, onde “peles de papel” se sobrepõe a importância do bem estar dos seres humanos e o equilíbrio da natureza. Estas “peles de papel” lhe roubaram o dom da humanidade, os submetendo a relações sociais de trabalho e vendas de mão de obra para que seja disponibilizado o acesso à dignidade enquanto humanos.

Em contraponto a este pensamento estão as práticas de vida do povo Yanomami, onde não há apego aos bens materiais, uma vez que os valorizam de forma diferente, estes possuem o costume de doar ou trocar os artigos que dispõem conforme a necessidade de cada pessoa. Por compreenderem a sua durabilidade, contraria a fragilidade da vida humana, possuem o hábito de repassar estes objetos para que possam ser utilizados por outras pessoas, sem apegos, apenas considerando a utilidade temporária para cada um. O fazem com objetivo de nutrir seus vínculos e amizades, estabelecendo laços considerados mais valiosos que o artigo, por mais duráveis que os bens sejam, ainda assim são mais frágeis que o saber ancestral. Os “sopros de sabedoria” repassados pelos povos da aldeia, são vistos como mais preciosos, pois fazem parte de suas reais práticas.

A floresta, seus rios, árvores e os *xapiri*, são como uma herança para seus habitantes, são esses bens que devem ser protegidos para que sejam duradouros. Uma vez que esta compõe

o livro da vida de seus nativos, a partir dela se alimentam, se protegem e mantém viva toda história e experiência ancestral, que os nutrem enquanto pertencentes a este meio. Estas vivências e práticas devem ser transmitidas a todos os seus descendentes, pois, sua manutenção garante a sua existência e alimenta o seu processo de educação. Processo esse, único, que acontece no tempo do sonho, cujos ensinamentos são repassados horizontalmente e adquiridos a partir da unicidade da cultura Yanomami.

Contudo, a chegada dos brancos, seu convívio e permanência neste ambiente acarretou um processo de intoxicação e doutrinação que deformou esta existência singular. Tendo como consequência um afastamento da concepção anterior sobre este território, resultando em um enfraquecimento de pensamentos e conexões, que não se encontram mais voltadas para a floresta e os seus. Suas práticas de vida e forma de se educar sofrem alterações à medida que se estabelecem relações comerciais e sociais com o homem branco. O foco agora se encontra nas jornadas de trabalho intermináveis com objetivos mercadológicos, que são implementados buscando substituir o sonho e o cantar com os *xapiri*.

O “pensar como branco” invade sua forma de viver, a dominando e limitando a um novo padrão imposto que converte sua visão e valores. Abrindo espaço para uma vulnerabilidade do território, seus habitantes e diversos aspectos culturais pertencentes a estes, uma vez que ao desfocarem de suas práticas, deixam de exercer atividades que os preserva em conjunto com seu território, os deixando desprotegidos. Pois, esse afastamento dos hábitos, abre espaço para uma sobreposição cultural colonizadora, o que evidencia isto como uma tática de dominação.

3.2 A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DA MERCADORIA E A REDUÇÃO DO SER HUMANO A MERA FORÇA DE TRABALHO.

Afinal, o que chegou exatamente à floresta dos Yanomami junto da presença e invasão dos homens brancos neste território? Trata-se de seu sistema político, econômico e social que se reflete em suas ações e pensamentos, podendo ser percebido em seus hábitos e práticas de vida. Estas são moldadas a partir da lógica capitalista, de acordo com sua ideologia e visão de valores transforma tudo que existia até aquele momento, ou seja, desconsidera a independência e singularidade do que existe fora deste sistema, por serem divergentes à sua proposta de funcionalidade. A prática de vida dos povos da floresta não é vista de forma utilitária pelas pessoas que não pertencem a esta, uma vez que existe uma inversão de valores decorrente das

diferenças culturais de visão do mundo.

Os habitantes da floresta possuem práticas de vida que acontecem em conexão ao território e seus antepassados, seus objetivos consistem em compreender sua própria existência em conjunto a estes elementos. Os protegendo, para se manterem seguros, dando continuidade ao que foi ensinado por seu demiurgo. Estes hábitos são vistos como muito valorosos por eles, por haver uma identificação e compreensão de sua necessidade, por este motivo se empenham em realizá-los a maior parte do tempo. A chegada do homem branco à floresta ocasionou conflitos ideológicos, nos quais os invasores passaram a invalidar as crenças e hábitos dos povos originários, por não as lerem como úteis. Dado que, havia um contraste sobre a consideração do que era definido como útil por estes dois diferentes grupos.

Para os brancos, a utilidade estava atrelada ao bom uso do tempo, este passou por diversas modificações durante os momentos de mudanças de práticas da sociedade. De acordo com Thompson (1998), uma delas ocorreu quando as atividades de trabalho foram divididas e ordenadas por ele. Antes, o tempo era utilizado de acordo com a individualidade de cada ser humano e seu grupo, estes estabeleciam os critérios para utilidade de acordo com suas necessidades, estipulando qual seria o seu destino; as atividades produtivas ou lazer, a este modo de uso dá-se o nome *tempo cultural*²⁶. Todavia, as atividades realizadas pela via da necessidade do ser foram substituídas pelas tarefas com hora marcada, dominadas por um “tempo como devorador, desfigurador [...] um novo senso de imediatismo e insistência” (E. P. Thompson, 1998. p. 268) que passou a configurar as práticas de vida da sociedade dando lugar ao *tempo social*. Dividindo o tempo segundo o padrão estabelecido, onde grande parte deste deveria ser destinado ao trabalho, sendo assim, ambos passam a se influenciar. O tempo só é considerado útil quando destinado ao trabalho, o trabalho caracteriza o bom uso do tempo necessitando deste para controlá-lo.

Esta nova divisão acarreta modificações no mundo do trabalho, como a designação de novos papéis para os trabalhadores, conseqüentemente, novas tarefas e remunerações que visam um lucro futuro gerado por suas produções. Trazendo um novo significado as tarefas agora sistematizadas pelo tempo, acrescentando o dinheiro como objetivo deste processo, não mais o suprimento das necessidades humanas, mas este como figura central nas relações de trabalho. Como comentando por Marx (1867), este se torna um condicionante universal para

²⁶ Termo retirado do livro *Costumes em comum* (Thompson,1998)

permutabilidade, concretizando-se por meio do hábito social de seu uso. Estas modificações das relações sociais e de trabalho tiveram seu início no contexto de revolução industrial, em que se reverberavam conforme o avanço das novas tecnologias.

Os novos objetos tecnológicos explicitavam, quase como uma personificação, as mudanças que já estavam ocorrendo no âmbito social da vida e sendo praticada pelas pessoas. O relógio foi um dos objetos utilizados como forma de monitorar e controlar aqueles que vendiam sua força de trabalho. Como sua aquisição não era de fácil acesso apenas os empregadores os detinham, para assim controlar a utilização do tempo e sua divisão, entre trabalho e pessoal. Sendo assim, este junto do controle humano regulou os ritmos da vida e o tempo destinado à produção, impulsionando a implementação de uma nova dinâmica de relações sociais e de trabalho. Dando a quem detinha este objeto o poder de controlar e definir como seria a utilização deste tempo.

Esta lógica invadiu outros âmbitos da vida dos trabalhadores, pois, havia um tempo destinado à remuneração que ocupou o holofote, em detrimento das outras formas de utilizá-lo. Assim como a introdução das máquinas junto de seu novo tempo de produção imputou uma nova visão de disciplina e hábitos de trabalho, que deveriam seguir independente de sua humanidade estes objetos. Modificando assim as estruturas das relações, determinadas agora pelo tempo de produção e remuneração, como foi dito por Thompson (1998, p. 272): “o tempo agora é moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta” demonstrando que a produtividade encontrada no exercício das tarefas de trabalho impunha uma nova dinâmica de vida.

A indústria demanda esta categoria de desenvolvimento e forma de trabalhar para seu progresso, sendo assim, impõe esta nova ordem ocupando o espaço das necessidades humanas e implementando um novo padrão. Referente ao tempo de produção como indicador de produtividade e utilidade humana, de acordo com Thompson (1998)²⁷ esta percepção de tempo pelo viés tecnológico está vinculada a sua forma de explorar a mão de obra. Ao impor este ideal se estimula a crença de que o tempo não deve ser aproveitado livremente, pois assim, não estaria o utilizando de forma econômica, e o ócio passa a ser visto criminosamente como uma consequência da pobreza. Esta ideia induz os trabalhadores a passarem suas horas realizando atividades laborais, para obter como resultado sua remuneração como um possível lucro. O que

²⁷ THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. 1998. p. 289. Este autor em determinado parágrafo relata que: “percepção do tempo em seu condicionamento tecnológico e com a medição do tempo como meio de exploração da mão de obra.”

aponta para uma transição ao capitalismo industrial, modelo que carrega consigo o aumento do controle do tempo e a figura da pessoa que o controla, assim como daquele que tem seu tempo controlado.

O uso deste conceito foi perpetuado também a partir de instituições religiosas e escolares; as primeiras compartilhavam a ideia de que o “mal uso” do tempo seria um comportamento que alimentava a preguiça, logo, era pecaminoso. Já a segunda instituição, foi utilizada para instaurar estas novas medidas disciplinares desde a infância, estabelecendo uma padronização de hábitos relacionados ao controle do tempo e trabalho, como este deveria ser usado e feito, para que assim as crianças crescessem compreendendo que seu tempo deveria ser utilizado de forma útil, de acordo com a lógica sistemática. Sendo estas, formas de realizar a manutenção desta implementação de nova ordem econômica, utilizando o trabalho e o tempo como mecanismos de controle da sociedade e suas diferentes esferas, a fim de “domesticar” as pessoas de forma que esta sigam as dinâmicas de mercado, mesmo sem compreender totalmente a sua lógica. Pois, como uma via de mão dupla a existência do trabalho e sua forma abstrata possuem como consequência a existência deste sistema, que só pode continuar existindo dentro desta lógica de abstração.

A nova ordem e definição do tempo e trabalho, induz atitudes que contribuam com sua preservação para que seja possível dar continuidade ao processo, provocando sua expansão. Isto ocorre, pois, conceito trabalho é construído como uma divindade a ser seguida e obedecida pela humanidade, que por deter poder os controla e submete as suas ordens com características desumanas. Se torna explícito ao avaliar os acessos injustos, como a forma de trabalhar, o controle do tempo dominado pelos detentores dos meios de produção, a ausência deste, quando se trata dos trabalhadores, que gradualmente vão perdendo a possibilidade de decidir como organizar seu próprio tempo, uma vez que lhes é retirado a opção de nem sequer se opor. Também emergem neste momento a divisão de categorias de trabalho, que salientam o que foi anteriormente citado, na forma de patrão e trabalhador. Este processo ocorre dentro da lógica do mercado, abandonando as reais necessidades humanas a serviço do crescimento econômico e invadindo a diversos aspectos da relação humana, entre trabalhador e trabalho, e, trabalhador e produto.

Quando se trata da categoria trabalho, as inversões de valores se tornam mais aparentes à medida que se analisa como este influencia diretamente nas relações entre os seres humanos. Em seu princípio o trabalho era visto como uma função realizada pelo homem enquanto ser

social, que o fazia em função de atender a suas próprias necessidades ou do grupo em que se insere, enfatizando que “os homens trabalham uns para os outros”²⁸ de forma concreta explicitando como reconhecem as suas necessidades que estimulam as suas práticas. Entretanto, esta forma de trabalho passa a ser substituída pelo ato de realizar atividades laborais a fim de produzir mercadorias, sendo estas o produto resultante desta atividade demandada pelo sistema econômico. Em resumo, o processo de trabalho para suprir as próprias demandas humanas mais uma vez dá lugar a uma produção que possui valor econômico/monetário e ao ser materializado como algo “humano” coloca em detrimento as reais demandas dos seres, as julgando como descartáveis, destrói as outras possibilidades de produção e vivências, colocando este processo como superior à própria humanidade.

Havendo então junto de uma separação do tempo de trabalho a especificação de seu valor e processo, em que a força humana se torna equivalente ao valor do produto fabricado, agora tido como uma mercadoria, possuindo utilidade e valor monetário que perpassam a sua criação em prol das necessidades humanas. A mão de obra passa a ser vendida e utilizada como matéria fundamental na transformação do trabalho em dinheiro, deste modo, há uma ampliação do acesso ao trabalho a todas as camadas sociais a fim de recrutar os grupos para estabelecer uma relação de dependência. Modificando a estrutura da relação humana com o trabalho, uma vez que este agora se resume a produção de mercadorias e sua venda como “colaboração” a uma rede abstrata de trabalho, relações sociais e exigências. Onde o valor é atribuído ao processo realizado para obter a mercadoria e não pelo uso destas e sua possível utilidade, sim, a produção e acúmulo.

A mercadoria e seu valor são frutos de uma relação social dos homens com a sua produção, onde o valor dado a esta não é orgânico como o resultado concreto deste processo de trabalho. O valor e a valorização das coisas, de forma econômica, foi criado pelos homens em um “mundo invisível/místico” e se tornou padronizado dentro de seu sistema burguês. Esta nova prática adquiriu uma identidade própria, sendo lhe dada independência, que permite que controle a si, deixando as mãos de quem a criou, os próprios homens. A forma a qual os produtos do trabalho humanos são reduzidos a valores mercadológicos se denomina fetichismo, quando toda função é diminuída em benefício do lucro conquistado em sua produção. Ou seja, o produto do trabalho passa a ser denominado mercadoria, uma vez que lhe é concedido valor e este se sobrepõe sob o uso e utilidade. Indicando uma materialização do capital e suas demandas, que condiciona os

²⁸ MARX K, O Capital. 1996, p.18.

homens a uma posição de assujeitamento neste processo.

Este aspecto é refletido sob o contato social, que ocorre conforme as vias comerciais, mediante a troca de produtos frutos de seu trabalho, compondo assim um novo modelo de socialização do trabalho que ocorre durante os movimentos de troca. Do mesmo modo, a troca é uma forma de atribuir valor à mercadoria, visto que, um dos focos desta valorização é a permuta dos produtos de acordo com a sua grandeza. Neste decurso, a categoria trabalho ganha uma nova caracterização; *trabalho humano abstrato*, estritamente conectada a lógica deste como criação de mercadorias, onde há uma padronização de funções que se inserem em conjunto neste modelo, mesmo possuindo diversificações. As atividades desempenhadas são igualadas a partir do momento em que estas passam a ter os mesmo objetivos, ainda que sejam desiguais e possuam valores diferentes. De acordo com Marx (1867), esta dinâmica pode ser vista como um apanhado de trabalhos independentes pertencentes a uma cadeia de trabalhos interdependentes, cujo tempo de produção é regido pela capacidade natural do homem, regulando as relações de troca.

Deste modo se configura a economia burguesa, a partir da lógica de fetichização da mercadoria, as relações sociais e de trabalho são moldadas e mantidas pela permutabilidade de seus produtos dotados de valor monetário. Esta ordem econômica, passa a ser refletida nas relações sociais de produção, que interferem em diversas esferas da vida ao dispor uma diferenciação de funções sociais e divisão social do trabalho, que traduzem o ideal universal citado neste arranjo de texto. Sendo assim, há uma distribuição planejada de posicionamentos sociais, conforme as funções determinadas no tempo de trabalho. O que culmina em uma organização dos homens segundo os papéis adquiridos em suas funções de produção, seguindo a uma lógica injusta que implementa uma normalização das desigualdades existentes nesta estrutura. Tendo como exemplo, a figura do patrão, detentor dos meios de produção e do lucro gerado pelo produto, e do trabalhador, quem vende sua força de trabalho produzindo a mercadoria, mas não detém o lucro.

O trabalho, suas figuras de poder e as relações sociais permeadas por este determinam os acessos dos homens a sua ‘humanidade’ e satisfação de necessidades, lhes retirando o poder de viver sua vida em plenitude e de forma saudável. Os homens são separados de suas subjetividades humanas, para haver espaço apenas para o “eu-trabalhador”, que vende sua força de trabalho por uma remuneração não condizente ao lucro gerado. Sendo este posto como o único sentido da vida e suas práticas, objetivado através de uma padronização que camufla a

realidade de expropriação e domínio do capital.

A vida humana, o trabalho de caráter social, o uso do tempo de acordo com as necessidades humanas, são esfacelados em virtude das novas atribuições, funções impostas e implementadas segundo o sistema econômico vigente. Resultando em um novo significado às figuras da vida e existência humana, que agora se direciona exclusivamente a utilização do tempo para produção de mercadorias, orbitando em torno de seu processo de valorização que resulta em uma abstração das relações. Posto isso, os homens são tidos como meros produtores de mercadoria, tendo sua humanidade retirada/roubada a cada passo de expansão dado pelo sistema, que possui agora domínio universal e controla os homens ao estimular este processamento como natural e necessário, através de uma “legitimação moral” que engendra esta ideologia do capital.

O “homem branco” valida esta prática a transformando em hábito social, e passa a ter como foco o lucro e acúmulo de mercadorias como o centro de suas relações sociais e de trabalho. Ao invadir a floresta leva consigo uma visão deformadora do mundo em que vive, rompendo a “bolha” daqueles que possuíam outras formas de manutenção da vida. Os Yanomami possuíam uma dinâmica e compreensão de vida completamente diferente, onde a valorização se encontrava nas subjetividades dos seres e seus hábitos, os “objetos” de valor eram os sonhos, enquanto tempo e escola, onde aconteciam seus encontros com os *Xapiri*, era lá que aprendiam sobre a vida e seus antepassados. Sendo um tipo de troca e relação fundamental a sua cultura e específico dela, as permutas eram realizadas por artefatos de uso cotidiano, que variavam de acordo com a necessidade de cada pessoa, ou através das palavras carregadas de conhecimento ancestral, que se fixavam genuinamente em suas mentes, suas práticas eram concretas.

Nesse ínterim, a chegada das pessoas da cidade e seu modo de vida resulta em conflitos e imposições postas ultrajosamente, ao criar uma hierarquia de saberes decretando seu modo de produção e consumo sob o que era basilar àquela população que residia na floresta. O território indígena, passa a ser visto como uma porção de terra capaz de alimentar a produção de riquezas dos brancos, o que embasa o pensamento nutrido-ironicamente-por morte que inicia o processo de apagamento da diversidade e história encontradas ali. Provocando uma inversão, uma vez que, antes eram os habitantes da floresta que a nutriam para sua sobrevivência, agora os brancos a absorvem como alimento de sua lógica impiedosa.

No primeiro tempo, *Omama* ensinou a seus habitantes a como estabelecer uma conexão

com a floresta, que resultaria em um equilíbrio entre os seres vivos e por consequente sua proteção. Isto era feito através de suas práticas culturais, que se embasavam em uma lógica de respeito a tudo que ali se encontrava, pois, a existência de cada ser era fundamental para a manutenção do todo. O sonho era uma das mais importantes práticas, ele era a escola da vida dos Yanomami, onde entravam em contato com toda riqueza histórica que já havia habitado em seu território. Por realizarem estas atividades contribuíam para a estabilidade da floresta e dos seus, pois assim, o céu não cairia sobre ela destruindo tudo. Entretanto, com a chegada dos homens brancos, este hábito foi pisoteado pelo novo ideal, que ia contra qualquer tipo de hábito identificado como ociosidade, imputando o trabalho social como hábito natural do ser humano na sua busca por acúmulo e produção de dinheiro.

O momento do sonho passa a ser associado a uma forma de desperdício do tempo útil, para os brancos, este momento deveria ser direcionado para o trabalho e produção de mercadorias. Esta imposição ideológica se funda em um método mortal para a cultura indígena, que contraria ao modo de vida burguês, não possuía a mercadoria e o dinheiro como centro de sua vida e pensamento. Este condicionante de acessos, é posto como superior a toda crença oriunda da floresta, sendo assim, nesta nova doutrina é ele quem deve ser cultuado, como um deus onde a existência humana é reduzida unicamente à sua produção. Para isto ocorrer, são implementados uma nova dinâmica de trabalho e estudo, que possuem objetivos visceralmente diferentes, um grupo cultua a existência dos seres e seus ensinamentos que foram repassados, o outro cultua algo abstrato, que existe em seus pensamentos, os matam diariamente e dominam, mas não pode ser tocado. Um grupo cultua a vida, o outro, fortuitamente, o que provoca a ruína desta.

Todavia, há resquícios de resistência a esse modo de vida e produção por parte dos Yanomami, a exemplificar, isto ocorre quando há uma percepção de que a saúde de seu grupo se encontra vulnerável, visto que, não consegue “coexistir” com o novo sistema imposto. Compreendendo assim, as falhas pertencentes a este sistema bárbaro e sua prática de vida, que afetam ao bem-estar coletivo deste grupo e ignora as reais necessidades humanas. A isto, Thompson (1998) intitula “economia moral”, quando a percepção do erro ocorre pelas vias da noção do que é justo e ético com base em sua própria experiência e vivência. Esta noção e comparação de sua realidade, antes e depois do que foi imposto, é o que nutre o poder de renunciar a putrefação determinada sob seu modo de vida.

Por fim, conclui-se que, o convívio dos indígenas com o homem branco resultou em uma mesclagem de hábitos que iniciam um processo de apagamento cultural. As mudanças

provocada no modo de se aprender sobre a vida e seus objetivos, resulta na formação de uma sociedade que possui um tipo de ideologia controversa. As trocas entre os habitantes da floresta e o homem branco resultaram em uma contaminação de práticas e sobreposição da importância de determinadas atividades, como o sonho. Sendo assim, a mercadoria é posta como eixo central e fundamental das relações, sua aquisição, acúmulo e processo de produção dominam o pensamento de todos. Um pensamento que antes era fixado na floresta e nos seus, agora se encontra distante, em um mundo repleto de desigualdades e injustiças.

3.3 A EDUCAÇÃO PARA FORMAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO.

Como foi observado no decorrer destes tópicos, existem diversos tipos de educação, definições para esta e modos de educar, que podem variar de acordo com a localização das pessoas e o grupo a qual estão inseridas. Cada uma dessas formas possui objetivos que contribuem com a lógica que seguem, de acordo com suas práticas de vida. Para os Yanomami, a educação é uma forma de viver sua cultura a partir de ensinamentos ancestrais, nutrindo assim uma dinâmica específica de seu povo. Eles a fazem por meio do sonho, mantendo contato com os espíritos *Xapiri* da floresta, buscando alimentar este vínculo o ampliando para se tornarem cada vez mais ricos em sabedoria. Sua sabedoria possui ligação com seu território e a história banhada a ancestralidade da qual se nutrem.

Para as pessoas que se encontram em espaços diferentes da floresta, a educação se configura de outra forma, havendo uma padronização de seu funcionamento e objetivos. Seu modo de educar possui como finalidade a reprodução do sistema econômico e suas relações, para que assim, seja feita uma manutenção da ordem vigente. Esta ordem é nutrida pelos processos que giram em torno da obtenção de mercadorias, sendo eles; a venda de mão de obra, a produção da mercadoria, seu processo de valorização, permuta e acúmulo de riquezas. Deste modo, o processo educacional contribui para o enquadramento da existência humana e suas relações no modelo econômico, que os domina e molda a seu favor. Isto se reflete na educação e também em outros aspectos da vida, que nutrem um ciclo imposto propositalmente pelo capitalismo.

A educação é um dos fatores utilizados para manutenção deste processo, funciona como uma das formas de enraizar na prática das pessoas a sua funcionalidade, as moldando de acordo com o sistema e suas opressões a partir de uma imposição ideológica. A ordem vigente passa a

ser o ponto de partida que delinea a formatação das práticas de vida e as relações oriundas desta, e para isto, cria ambientes específicos para controlar os detalhes estabelecendo uma dependência entre estes, como o mundo do trabalho, do lazer e práticas culturais. O faz para manter o poder e controle, se enraizando nas mais diversas áreas para disseminar sua ideologia e planejar sua estrutura de dominação. Sendo assim, estas áreas são o enfoque de imposições advindas da lógica sistemática, que cultua a mercadoria, pois é a partir deste hábito que o sistema se reproduz e diversifica. Desenhando as esferas da sociedade, esta como sendo uma sociedade da mercadoria, de modo que funcionem sempre ao seu favor, o alimentando. Independente das necessidades humanas, uma vez que, quando se produz o capital como sujeito, os processos sociais são invertidos, pelo poder de controlar quem o criou.

A escola é reconhecida como uma parte da esquematização deste sistema, sendo uma das bases que impulsionam as pessoas a agirem de acordo com este, uma vez que a educação desempenha um papel político nesta movimentação de moldar os indivíduos conforme os interesses mercadológicos, os sujeitando a sua lógica e práticas. Esta não é um fruto do acaso, sendo produto dos homens foi construída de acordo com sua influência e metas - assim como o sistema econômico-metas políticas, que guiam as mudanças impostas e seus posicionamentos. Ela dá vida à educação institucional, que padroniza as vias de aprendizado, as limitando e ditando como deve ser feito seu procedimento, assim como o que dever ser ensinado e aprendido, como uma forma de coerção sem a utilização de força, para impor aos seres uma equalização, onde suas necessidades são igualadas às do sistema. Sendo assim, devem o seguir e alimentar, como se suas existências fossem impossibilitadas de uma separação.

Abandonando a ideia de estudo a partir de experiências de vida, que passam agora a serem postas como algo distante à educação, uma vez que cada vida possui uma enorme diversidade intrínseca a ela; diversidade de pensamentos, hábitos, crenças que podem ir contra o sistema implementado. Para protegê-lo, passa-se a podar as pessoas e suas práticas de vida, invalidando suas experiências como aprendizado, o que era sentido na pele é desmoralizado em prol de experiências inconscientes ligadas à lógica de reprodutibilidade do trabalho. No decorrer da história e desenvolvimento desta lógica enquanto prática humana, as imposições sistemáticas perpetuadas também através de mecanismos educacionais dominam as experiências humanas, que antes eram transmitidas através das palavras, silenciando as narrativas e lhes roubando o hábito de transmitir os saberes pela oralidade. Retirando dos homens o posicionamento de sujeitos de sua própria vida e donos de suas experiências.

Isto ocorre à medida que os saberes e a experiência humana são afetados e deformados, ditando e padronizando o que deve ser considerado importante, portanto, ensinado. A educação passa a ser submetida como mais um método de servidão ao trabalho, se propagando como um processo de renovação²⁹ e evolução humana, sobrepõe a ampliação da ordem de mercado à humanidade dos homens. Assim “a civilização origina e fortalece o que é anticivilizatorio” (ADORNO, 2008) expandindo a ruína da valorização daquilo que nos faz ser humano, gente, indivíduos donos de si. Ao educar os seres para seguir as demandas do mercado alimenta o ciclo existencial deste, dando continuidade ao processo de repetição que o mantém e destrói a liberdade dos seres.

Conseqüentemente, esta se torna uma das ferramentas do capital, como forma de monitorar os seres, os mantendo dentro de uma caixa que funciona de acordo com seu propósito. Deste modo, a educação passa a ser objetificada e comercializada como mercadoria, separada do ser, de suas experiências e percepções sobre a totalidade da vida. Deixa de ser construção coletiva, como era na aldeia Yanomami durante o compartilhamento de ensinamentos, ou individual, quando os xamãs se conectavam aos espíritos *Xapiri*. Passa a ser limitada por repasses de informações e imposições, como foi dito por Paulo Freire: “A educação se torna um hábito de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 1970 p. 58)”. O que resulta em uma aniquilação da horizontalidade encontrada anteriormente neste processo. Agora há uma divisão hierárquica entre detentores do saber, professores, e aqueles que apenas irão absorver o que lhes foi dito, alunos, que passam a ter seu aprendizado direcionado ao trabalho e suas ramificações abstratas.

Como a educação é uma introdução dos sujeitos ao mundo dos homens e do trabalho, ao depositar ensinamentos voltados para as práticas *deste* mundo, impedindo outras possibilidades emancipatórias, os homens perdem a percepção do que habita em si e ao seu redor, se desconectando do valor de suas próprias experiências, para se vincular a lógica que o capital imputa a sua vida. Estabelecendo uma crença de que o ponto de origem dos ensinamentos não podem ser encontrados em si, apenas adquiridos por quem os detém “verdadeiramente”. Ocupando assim, os lugares determinados pela ordem vigente por meio de um autoritarismo, onde cada ser possui uma função; entre os que ditam o que deve ser feito e os que fazem sem muitas chances de questionar. Esta dinâmica provoca uma distorção da realidade, uma vez que

²⁹ O que não poderia ser, uma vez que há um “continuum histórico” na mudança no mundo, sem ruptura apenas se da continuação a um processo anterior.

se embasa e reproduz o pensamento desta como natural. Como um acaso.

Deve ser pontuado também as consequências desta padronização na existência dos homens e suas práticas de narrar a vida, como Davi Kopenawa, com a chegada dos brancos e seu modelo de produção houve uma intoxicação do modo de viver e sentir as experiências, por conseguinte a narração destas foi imensamente prejudicada. Ao retirar dos homens o direito de viver algo contrário ou para além do trabalho abstrato se desencadeia cenários para geração de novos tipos de pobreza. Sendo uma delas a pobreza de experiências narráveis citadas por Benjamin (1987), que se trata de um extermínio dos narradores e a transmissão do saber de acordo com a especificidade de cada grupo ao desvalorizar isto como um tipo de conhecimento. Enfatizando a implementação de outro tipo de atrocidade contra a subjetividade humana.

Quando se trata dos Yanomami, extinguir as práticas de narrar suas experiências significa destruir sua conexão ancestral e seu meio de educação, silenciar a fala é apagar a história e existência particular deste povo para não ser mais preservada, limitando e excluindo a aquisição de experiências que fogem das demandas do capital. A linguagem antes utilizada para proferir palavras que diziam sobre a história dos seus e seus hábitos agora se encontra direcionada a serviço do trabalho. Só é considerado saber aquilo que agrega valor monetário aos modos de produção e aquisição de dinheiro em detrimento das subjetividades humanas que perderam o posto de riqueza para as moedas ou folhas de papel.

Dentro da lógica capitalista “A educação já não diz respeito meramente à formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização” (ADORNO), sendo reduzida a uma formação pelo e para o trabalho em um movimento alienado. Visto isto, compreende-se que esta dinâmica desvaloriza a organicidade das relações e percepções humanas, pois, a caracterização de cada ser que ocupa a posição ditada pelo sistema econômico, os afasta do real movimento de educação, em que existe a troca de experiências e conhecimentos. A hierarquização deste processo se torna opressiva para ambos, uma vez que se baseia em uma lógica³⁰ que explicita os procedimentos advindos deste sistema e que sobrepõe sua própria valorização de reais necessidades humanas, retirando dos seres a sua própria humanidade. Transformando a subjetividade humana em objeto de posse, retirando os homens da posição de “sujeitos de seu próprio processo”. Esta lógica desumanizante, funciona de modo que ao coisificar os seres humanos os afasta de seus próprios direitos de sentir. Logo, sendo coisas, em

³⁰ Lógica esta que: “ama el control y en acto de controlar, mata la vida” (FROMM).

seus papéis designados, apenas reproduzem da forma que lhes foi ensinada. Explicita-se que, o que lhes foi ensinado possui um direcionamento e pressupostos políticos que indicam como se configura.

Esta distribuição de papéis, de homens enquanto educadores e alunos, se expande para outras esferas, como, por exemplo, no mundo do trabalho onde se designa entre homens trabalhadores e patrões/detentores dos meios de produção. Sendo a escola o local onde ocorrem os primeiros contatos com a forma a qual se organiza o mundo dos homens, nela é ensinado a partir do método de educação bancária³¹ a naturalizar o que está sendo imposto. A crer neste ideal de hipervalorização da mercadoria e seu processo de produção, para que neste ciclo de continuidades e perpetuações, os alunos possam se transformar em massa de trabalhadores. Uma vez que lhes foi ensinado a vender sua mão de obra, estimulando uma dependência as permutas geradas por esse sistema, a partir de uma crença da existência natural de uma hierarquia na sociedade.

A educação que se encontra fundida a um sistema econômico que aprisiona os homens, expande suas correntes, aprisionando também suas mentes. Ao determinar estruturas, fortalece os papéis criados, impostos e suas contradições, uma vez que o enfoque desta educação é o mundo do trabalho e as relações comerciais. Colocando em terceiro ou quarto plano a subjetividade da vida, os ensinamentos ancestrais e a importância destes conhecimentos transmitidos com base nas vivências ou os ignorando por completo. Para centralizar um trabalho direcionado ao capital, que transforma toda a existência humana em mercadoria. Banalizando os conhecimentos adquiridos através dos territórios e relações de troca durante a vida.

De acordo com Adorno (1959) “a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional” Sendo este um dos condicionantes para as renovações diárias desta estrutura e seus atos de crueldade. Ao afastar as pessoas da história impossibilita a visão da realidade e de como esta ocorre, dando continuidade aos movimentos devastadores provocados pela ordem sob seus próprios criadores, tendo como consequência um ciclo de repetição de desumanidades. Assim, por meio da alienação de uma educação e trabalho alienado a humanidade se afasta cada vez mais das subjetividades específicas do ser, seu grupo e os acontecimentos históricos que resultaram no presente.

³¹ FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 1968. Termo utilizado nesta literatura como forma de analisar e explicitar o funcionamento da educação institucional, que ocorre pelas vidas de “deposito de conhecimentos”

O afastamento de práticas de vida verdadeiras, conhecimento sobre sua história e aprisionamento em uma educação voltada exclusivamente para o trabalho tende a ter como consequência a barbárie. Pode se ter como exemplo Aushwitz, que elucida os resultados de uma educação alienadora, que perde cada vez mais as características humanas e afeto, coisificada trata dos seres que a consomem como “coisas” também. Os prendendo em ideologias que se voltam contra a organicidade e diversidade dos homens, sendo uma educação de reproduções sobre o trabalho, não possui um viés crítico para tratar de acontecimentos anti-humanos. Deste modo, não há uma ruptura com essas ideias, que continuam a deformar todos os indivíduos.

À vista disto, se torna explícito a desvalorização da humanidade e seus hábitos culturais saudáveis em prol da hipervalorização da mercadoria e seu processo de produção, que transformado em um sistema econômico na “mente dos homens”, determina as relações e práticas de vida. Sendo ensinadas a partir de uma educação alienadora que enaltece as práticas de trabalho, mesmo quando estas causam a destruição dos seres humanos, e por ter este como seu objetivo ignora as atrocidades consequentes encontradas em seu caminho, por ignorar não rompe com seu ciclo de repetição.

Os hábitos culturais passam a ser considerados “gastos de tempo” de pessoas que deveriam estar sendo úteis ao sistema. Quando estas culturas não alimentam esta lógica passam a ser vistas como dispensáveis, logo, por meio de movimentos bárbaros de imposição são destruídas. O hábito de sonhar dos Yanomami, é visto como tempo ocioso, e, por este motivo, inútil à dinâmica de vida do homem branco, por isto estes invadem suas terras e os obrigam a trabalhar para um sistema de crenças diferentes das suas. Crenças adquiridas através de ensinamentos robóticos sobre a vida, que passa a ser reduzida a uma mera jornada de buscas por mercadoria e seu acúmulo.

A divergência entre a educação popular Yanomami, e a educação padronizada do homem branco evidencia a visão sobre a práxis de vida destes dois grupos. Para os indígenas, sua vivência e experiências são seus “objetos” de valor, porque dizem respeito a si mesmos e os seus, esta identificação e conexão com sua rede de vida é o que nutre a funcionalidade e vínculo a este modo de viver. Para os homens brancos, o dinheiro/mercadoria possui mais valor do que a organicidade de seu próprio ser, enaltecendo estes elementos desumanos o suficiente a ponto de se espelharem neles, mesmo que sejam díspares. É notável este reflexo em seu modelo de educação, que se torna robótico, hierárquico, autoritário e vazio. Este vazio abre espaço para um controle maior do sistema, que massacra a humanidade dos seres, provocando um

movimento de repetição desses hábitos que afastam os homens de sua própria autonomia.

O que aponta para o objetivo central deste modelo de educação, acorrentar os seres em uma dependência a um sistema que os aniquila diariamente, com o propósito de os manter cada vez mais distantes de sua própria autonomia, a descredibilizando e a tornando inacessível. Uma vez que, esta autonomia pode ter sido conquistada na especificidade de cada vivência, a qual a educação institucional se sobrepõe no intuito de perpetuar a padronização dos seres, assim como a de suas mercadorias, de acordo com sua imposição ideológica. O que nos remete a ideologia neoliberal como ponto de partida para este tipo de educação, que aliena e doutrina de modo que cooperem sempre com a funcionalidade da sociedade da mercadoria.

Conclui-se que, o propósito desta forma de educar é direcionar os seres humanos a trabalharem de acordo com as demandas do capital. Formando novos trabalhadores para assumirem seus postos no mercado de trabalho, dentro desta lógica de produção aprisionadora, onde a desumanização destes é uma dos alicerces que a compõe, e permite a sua estabilização. Podendo ser notada ao apontar as relações mercadológicas como superiores aos conhecimentos de vida ancestrais. Os homens passam a ser separados de suas questões, afastando o humano da figura do trabalhador. Sendo isto delimitado pela educação que impõe os elementos que caracterizam os processos como aprendizagem ou não, desta forma, esta ensina o trabalho como produção de mercadoria sendo natural ao ser humano, nutrindo as reprodutibilidades de relações moldadas pelo modelo capitalista.

4 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE RESISTÊNCIA EM TERRITÓRIOS INDÍGENAS.

4.1 A PRESENÇA DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR NO TERRITÓRIO INDÍGENA: INVASÃO CULTURAL, DEFORMAÇÕES E RESISTÊNCIA

Durante o processo de colonização e suas manifestações em terras brasileiras, se tornaram explícitas as deformações causadas por este em tudo que já habitava este espaço; nas pessoas, seus modos de vida e expressões culturais, sendo refletido em seus territórios e práticas. A chegada dos homens brancos às aldeias indígenas, junto de seu movimento de invasão, trouxe consigo um sistema que possui como característica a universalidade, para mantê-las, utiliza táticas de padronização dos seres e seus hábitos, a partir de adestramentos bárbaros que retiram sua humanidade, destinando-a à mercadoria e dinheiro como objetos que detêm maior valorização. Isto ocorre por meio do trabalho como forma de produção de mercadoria e obtenção de lucro, sendo esta uma atividade guiada por uma lógica fetichista, que a torna divergente de atividades guiadas por um valor de uso.

Este modo de produção centrado no trabalho abstrato é assimilado como obrigação e algo natural dos seres, para implementá-lo o Estado cria diversas ferramentas que possibilitem as ramificações deste modo de vida na sociedade e na sua forma de pensar, sendo a escola uma destas. Na escola, por meio da educação institucional. Nas aldeias Indígenas, entretanto, a escola formadora de força de trabalho produz a tensão face à sua organicidade, suas experiências e com tudo que lhes fora ensinado dentro daquele território.

Os indígenas junto da floresta que habitam, seus elementos e saberes ancestrais constroem coletivamente o saber de seu grupo, aldeia, de acordo com cada etnia. Utilizando os espaços de seu território, os ensinamentos repassados por aqueles que já o habitaram, vivem sua cultura num eterno movimento de exercê-la, aprendendo com a vida e as experiências transmitidas por meio da oralidade. É assim que seu modo de educar se faz, através de uma tradicionalidade criada e praticada pelos seus ancestrais, modelos de maior referência e identificação para estes. O sentido das práticas se encontra no reconhecimento destas, enquanto algo próprio de cada grupo e sagrado, criada conforme o que se julga necessário para estes, focando em sua preservação.

A educação indígena é configurada como horizontal, referência de práticas e trocas coletivas, ocorre em seu próprio território em conjunto com a rede de energia que habita neste,

através de uma comunidade educativa em um processo permanente de troca. Aprender neste espaço traz a tona a história que o habita, sendo esta uma extensão de cada ser que passou e viveu por ali. Visto isto, compreende-se que cada espaço e habitantes é singular, rico de diferentes vivências e formas de construir estas. Para os Yanomami, suas práticas são uma forma de honrar e respeitar os ensinamentos ancestrais, que estabilizaram a vida na floresta, para poderem continuar a existir. Os indígenas desta etnia são ensinados a viver a partir e com a floresta, a realizar cerimônias de confraternização, sonhar, como forma de estudo e conexão com os saberes e povos que habitam o seu território. Para isto, os xamãs utilizam o pó de *Yäkoana* como elemento primordial para acessar os sonhos e se conectar com os *xapiri*, espíritos animais protetores de sua floresta e habitantes. Assim, por meio desta conexão, estudam sobre os seus e preservam sua identidade e território, pois apenas neste podem existir como Yanomami e por meio desta atividade se conectam ao elo que os une e caracteriza enquanto povos desta etnia.

Quando se trata da etnia Guarani, sua educação ocorre também pela prática de vida, de acordo com ensinamentos ancestrais. Os hábitos são moldados segundo as tradições de seus antepassados, a sua cultura se estabelece desde o momento da concepção da vida,³² e nas demais fases, para inserir o novo ser Guarani desde o momento da gravidez na dinâmica de seu povo, pois, tendo contato com as práticas culturais se reconhece nelas e as respeita. Práticas que podem ser aprendidas através de *nhevãnga* (brincadeiras) feitas pelas crianças, dentro de seu mundo. Sendo esta presença em um território pertencente aos seus, indispensável, pois nele há uma conexão e suas práticas são vividas verdadeiramente, observando seus semelhantes aprendem a seguir as regras e hábitos Guarani. Sendo sua educação coletiva, construída e praticada por toda a comunidade de modo a preservar a particularidade de sua existência.

É em seu próprio território que os diferentes povos indígenas configuram suas próprias características, crenças e hábitos, segundo a especificidade de cada etnia e conhecimento transmitido pelos seus através da terra. Os Yanomami, em sua floresta *Hutukara* transmitem e absorvem todo conhecimento contido nela através de seus hábitos, somente nesse espaço eles podem sonhar com os *xapiri* e fortalecer suas conexões, para que a vida em sua floresta

³² Para esta etnia, a gravidez é descoberta pelo sonho, que esclarece acontecimentos futuros para que haja uma preparação da mulher, seu marido e da aldeia para recepção da criança. Quando se descobre sobre ela, iniciam-se os cuidados com o comportamento, seguindo as regras implementadas pelos seus antepassados com base em sua sabedoria de vida, para que o processo seja saudável. O que indica uma conexão da mãe, pai e o feto com sua cultura desde o princípio de sua vida e inserção no mundo Guarani. Ensinar sobre a gravidez e os cuidados tidos com esta é uma prática que ocorre entre mulheres.

permaneça estável e o céu não caia novamente sob ela como no primeiro tempo. Os Guarani necessitam também da singularidade de um território pertencente a seu povo, para nos *tekoa*³³ viverem o *nhe'ẽ*, fundamento do ser guarani ligado ao seu coração, que só pode ser aprendido através das experiências em seu próprio mundo. As origens deste, junto do *nhandereko* – jeito de ser dos guarani-, foram contadas por histórias através de narrativas tradicionais.

Para a aldeia Guarani *mbya*, é necessário que estejam assentados em locais feitos especificamente para eles, seu mundo é uma ilha, onde o primeiro *mbya yvy opy* caminhou e reservou as matas e morros para seu povo. Habitam a serra do mar de forma estratégica, pois o mar é um elemento que os assusta pela braveza de suas ondas, por isso se mantém distantes deste e protegidos em um local mais afastado onde podem observar todo ambiente. Segundo este trecho de Ladeira e Azanha (1988,p.20): “O mar, no pensamento e cosmologia Guarani, ocupa um lugar ambíguo: ao mesmo tempo, obstáculo a transpor para se atingir o paraíso e ponto de chegada, pois é ali, nas suas proximidades, que o destino Guarani pode-se realizar”

Estar próximo do mar, porém distante o suficiente para estar protegido deste, é uma forma de consumir as crenças de seu povo de que este é o lugar que devem habitar, viver neste território é testemunhar a sua existência, presença e criação de seus habitantes a partir de movimentos de construção de história iniciados pelos seus antepassados. Vivendo nesses espaços dão continuidade aos ensinamentos ancestrais, mantendo sua memória viva, assim como o ideal de vida como transição, onde a serra é a forma definitiva a qual as coisas se moldam, e o mar, aquele que representa os desafios e possibilidades.

A vegetação, relevo, animais, rios ou o mar que compõe a floresta e matas vão além de meras definições geográficas, elas se configuram enquanto mundo para cada etnia, diversificado e singular para cada grupo. Englobando sua cultura, espiritualidade, ensinamentos transmitidos, movimentações culturais que ocorrem a partir de uma conexão ao divino, dependendo da existência e diversidade de elementos que contribuam para seu processo de educação, cada elemento presente no território fazem surgir possibilidades de aprender e gerar conhecimento sobre. Quando se trata dos Guarani:

“Durante os últimos 1.500 anos - período em que as tribos Guarani podem se considerar formadas com suas características próprias - os Guarani se mostraram fiéis à sua ecologia tradicional, não por inércia, mas pelo trabalho ativo que supõe a

³³ Espaço de construção da pessoa indígena Guarani que abrange todos os elementos necessários em seu processo educacional. (BENITES, Sandra; Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola. 2015.

recriação e a busca das condições ambientais mais adequadas para o desenvolvimento de seu modo de ser. A tradição, neste caso, é profecia viva. A busca da 'terra sem mal', como estrutura do modo de pensar do Guarani, dá forma ao dinamismo econômico e à vivência religiosa, que lhe são tão próprios" (Meliá, 1989, p. 293).

A vivência dos Guarani, e também de outros povos originários, é enfatizada por suas trocas com o meio ambiente e a prática de uma vida de acordo com suas próprias crenças, seguindo as regras criadas pelos seus de acordo com sua cultura. Estar em contato com a sua própria história, atividades exercidas pelo seu povo é permanecer próximo de sua tradição vivendo dela e do dinamismo presente em suas narrativas, que seguem o fluxo da vida.

Os elementos encontrados no território de cada grupo são extremamente necessários para a real compreensão de cada modo de vida, sendo particulares de cada etnia. Os costumes próprios ajudam na construção dos seres e preservação da continuidade de seu modo de ser. Para que suas práticas sejam possíveis é necessário que seu território esteja saudável, incluindo tudo que habita nele, as árvores, animais, roças e plantas, pois o que integra a composição do todo é utilizado no estudo do dia a dia. Caso a floresta ou os *Tekoa* não possuam bons elementos a transmissão de conhecimento é afetada pela falta de acesso, quebrando a conexão dos saberes de cada ambiente, conseqüentemente, prejudicando a qualidade de vida dos seres e o vínculo com seus costumes, fazendo com que o conhecimento ancestral se disperse. A presença dos homens brancos nestes espaços e seu modo de produção implica numa devastação da saúde deste meio ambiente e na de seus habitantes, visto que este não respeita o tempo de recomposição da natureza, a presença dos habitantes, conexão com território e sua vulnerabilidade frente a destruição e exposição de seu meio.

Para os homens advindos das grandes metrópoles, a forma de aprendizagem dos povos indígenas é reduzida a um "desperdício de tempo" com o ócio, pois consideram suas atividades improdutivas no que se trata a não inserção em seu mundo do trabalho, desconsiderando a importância dada aos objetivos de aquisição dos brancos. Por este motivo implementaram instituições escolares ditas indígenas nas aldeias, para impor seu conhecimento e estimular uma crença em seu modo de trabalhar abstrato, buscando sobrepor esta ao que é seguido por cada etnia. Sendo este acontecimento embasado por um pensamento prepotente onde se acredita que o ato de educar e as sabedorias são restritas aos homens brancos.

Dentro das quatro paredes das escolas, há uma divisão de figuras entre alunos e professores, onde a construção de um saber horizontal é colocada de lado, em prol do fortalecimento de um saber hierarquizado e formalizado, seguindo a um método de depósito e

memorização de informações, que os brancos consideram importantes ensinar. Havendo uma limitação do que deve ser aprendido e do ambiente em que se aprende, implementando um modelo que diverge do que é considerado movimento de aprendizagem para cada povo indígena. Assim, cria-se uma barreira de acessos às memórias ancestrais, dado que o enfoque dentro destes ambientes não é a fortificação da cultura local, afastando os indígenas de um processo de aprendizado voltado totalmente à sua cultura e experiências de seus antepassados. Nas escolas, a floresta e as aldeias como um livro vivo são substituídas pelas salas de aula e livros de papel, que seguem um conhecimento guiado pela ciência ocidental, generalizando os saberes e os tornando estáticos, preso às palavras escritas naquelas “folhas de papel”, e repetidas pelos professores, mas que se remetem a outra cultura e práticas distintas.

Sendo assim, há um conflito entre o estabelecimento de uma educação institucional com a educação tradicional local, onde apenas uma destas é colocada em evidência em detrimento da que deveria ser referência para seu povo. A limitação a apenas um ambiente de aprendizado, reduz o que será conhecido pelos indígenas, já que o seu território é o ambiente específico para seu aprendizado através de práticas, geradas pelas pessoas dentro deste através de suas experiências. A sua presença nas escolas tem como consequência uma ausência nas aldeias, onde poderiam estar aprendendo com os mais velhos ao os acompanharem para caça, no trabalho em sua roça ou escutando histórias sobre suas experiências durante conversas em volta da fogueira. A educação indígena segue vias mais informais, onde buscam integrar os seres pertencentes a aldeia às práticas locais, por meio da sensibilidade do sentir. Esse afastamento de contato com a vivência por meio das próprias experiências e sentir a vida, enfraquece o ato de continuidade da transmissão de saberes e de identificar sua comunidade como referencial de práticas.

Como poderia haver formação indígena emancipatória em escolas que ignoram seu modo de se formar enquanto ser?! Como poderiam os indígenas aprenderem sobre os diferentes modos de ser, sem o dinamismo da vida nas aldeias? Quando a sua própria cultura é colocada em segundo ou terceiro plano? O uso de duas línguas diferentes para transmissão desta educação enfatiza uma das barreiras existentes, visto que provoca mudanças no entendimento do que está sendo ensinado, já que a substituição do aprendizado pela prática por um método padronizado deforma sua real concepção de seu próprio mundo, de acordo com a sua etnia. Aprender apenas dentro das escolas, a partir do uso de outra língua, outros elementos como referência é reduzir a totalidade de possibilidades de acesso a informações encontradas apenas fora deste ambiente, em seu território.

Dentro das escolas não é possível que os Guarani entendam que sua educação ocorre a partir de sua relação com seu corpo enquanto casa, e o outro enquanto peça fundamental desta rede de conexões, a construção de sua sabedoria depende do estabelecimento destes vínculos. Nas aldeias, as mulheres são protagonistas de sua própria história, há espaços construídos especialmente para elas, onde exercem diálogos com as mais velhas e aprendem a como cuidar de seu corpo, de acordo com suas particularidades, e diferentes momentos da vida. Aprendendo, podem ensinar e se reconhecer no saber de suas ancestrais. Estes espaços e trocas são de suma importância para que a narrativa das mulheres indígenas seja protegida, uma vez que, com a chegada dos homens brancos houve um silenciamento das mulheres durante a colonização. Assim, o saber sobre o feminino, foi afetado, principalmente porque é compartilhado pela oralidade. Enfatizando mais uma vez a importância do território para construção coletiva deste tipo de prática, principalmente porque dentro deste há respeito sob isto e uma preservação da singularidade de cada tipo de ensinamento transmitido.

O modo de ensinar sobre os saberes Guarani, Yanomami, Munduruku ou Tupinambá faz parte do modo de ser e de praticar a vida de cada povo, seus próprios processos de construção identitária, histórias e práticas de sua própria teoria que divergem da educação institucionalizada. Uma vez que não são limitados a uma sala, são aprendidos em seu cotidiano a partir da curiosidade despertada por cada componente que integra seu espaço, através de conversas com as pessoas de sua comunidade, de reprodução de atitudes observadas ou pela forma de sentir a vida específica de cada ser, dentro de um espaço que se conecta com seus habitantes. Por este motivo, as instituições escolares presentes nas aldeias devem incorporar os saberes transmitidos e a tradição local, como está posto na Constituição de 1988, entretanto isto não ocorre, visto que há uma imposição de um modo de educação diferente do que deveria ser vivido por cada pessoa indígena. No modo que é realmente efetivado no dia a dia, a singularidade de cada etnia, suas crenças e o que é considerado importante por estas é desconsiderado.

O professor Bessa Freire (2013) comparou as instituições escolares indígenas a embaixadas de outro país, por se caracterizarem de forma antagônica ao que deveriam ser. Não fortalecem a cultura de um povo, tampouco consideram sua etnia, costumes e crenças, sendo assim, funcionam como ferramentas para invasão cultural, imposição de ensinamentos contrários, e, silenciamento de uma história condizente a existência de um povo, sendo assim, apaga-os também como donos de si e de seu próprio movimento. Funcionam como se tivessem realmente vindo de outro país, por ser tão discrepante do que já habitava o território, estas

buscam modificar a perspectiva do que é considerado educação e modos de educar, sendo antagônica às práticas indígenas, deformando seus costumes e hábitos de forma opressora. Pois, enquanto instituição dominada por homens brancos, há uma garantia “dada” pelo sistema de que estes possuem o direito de dominar de acordo com a ideologia que seguem. Assim, por meio desse movimento de silenciar o outro, diferente do seu padrão, “os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que mistificam, massificam e dominam.” Como dito pelo professor Ernani Maria Fiori (1967)³⁴ Estes ‘monopólios da palavra’ espalham a sua própria verdade deformando realidades e vivências, sendo assim, deixa de ser um espaço de troca “intercultural” já que apenas uma cultura é validada e ensinada nele. As “embaixadas” pregam uma educação voltada a repetição inconsciente de um trabalho alienado, e, aprendizagem separada das experiências vividas e sentidas na pele. Estas invalidam os saberes adquiridos fora de suas quatro paredes, evidenciando a problemática de sua presença no território indígena. Pois, a contradição de sua implementação, nomeação enquanto instituição escolar indígena que ignora os saberes da terra, evidencia a utilização de camuflagens para impor mais uma vez um modo de vida que oprime a existência de cada povo indígena ao invalidar a educação tradicional. Desconsiderando a importância desses ensinamentos perante ao sistema e sua padronização, pois são modelos de ensino totalmente antagônicos, quase como polos opostos.

Assim, dentro destas escolas os indígenas passam a ser desligados de seu próprio mundo, reprimindo o seu sentir a vida e sua conexão com o coletivo. A não integração da cultura da aldeia local nas escolas, ignorando suas características principais e as práticas consideradas importantes pelo seu povo contribui com o apagamento e esquecimento de tudo que faz parte do modo de ser de seus habitantes, em prol do enaltecimento da vida do homem branco. Empenhando-se em direcionar e reduzir a existência dos povos originários ao mercado de trabalho, para serem dominados por uma “mão invisível”, buscando um lucro muitas vezes inacessível. Para atingir este objetivo, as escolas controlam e dominam a cultura local, limitando sua potência de uma aprendizagem que acontece com o meio.

Isto deve ser visto como um grande ato de violência e tentativa de aniquilação de toda história dos povos indígenas e seus ancestrais, dentro de seu próprio território tem seu modo de aprender sobre a vida determinado e limitado pela instituição, que os faz direcionar sua atenção para algo diferente e oposto de suas raízes. Tirando o foco do movimento coletivo realizado por todas as pessoas da aldeia, onde praticam sua própria teoria, teoria que se diversifica de acordo

³⁴ Citação retirada do prefácio do livro de Paulo Freire, *Pedagogia do oprimido*, 1968.

com cada etnia. A escola exerce a função de uma ferramenta que modifica a visão indígena sobre o mundo, os ensinando a enxerga-lo como os brancos fazem. O que evidencia esta instituição como fruto de uma monocultura de crenças e logicas que limitam a transmissão dos saberes e compartilhamentos que sejam contrários ao que está sendo posto pela ordem vigente. Sendo isto, um dos maiores atos de deformação cultural praticados.

Deste modo, se torna ainda mais explicito a escola como um projeto de inserção do modelo econômico ocidental em todos os âmbitos e sob a vida de todos os seres, prejudicando seu contato com os saberes da terra acaba por empobrecer as relações ao direcionar a atenção a uma prática de vida limitante e destrutiva para todos os seres do globo. Ao limitar e ignorar a multiplicidade de vida presente nas trocas entre as pessoas, sua infinitude de sentir e experienciar a vida, coloca em segundo plano a importância dos vínculos e conexões entre os seres, seu território, e a busca pelo aprofundamento coletivo de tradições libertarias.

Por este motivo, por entender a importância da presença de todos os elementos e do processo de formação como sendo algo importante para todos de seu grupo, os povos indígenas resistem, buscando manter viva a sua história, negando as palavras opressivas dos brancos e sua falta de experiências dignas de serem transmitidas. Sendo assim, possuem uma visão crítica sobre as palavras ditas pelos forasteiros, e baseando-se em seus conhecimentos ancestrais escolhem não a seguir, isto se reflete em seus discursos. D. Maria, dirigente espiritual Guarani *mbya*, em um discurso realizado em uma casa de rezas disse:

“Depois, Nhanderu Tenonde disse ao seu filho Kuaray: - Agora, todas as coisas já foram criadas; você gerou o mel, os matos... Ele falou: - Pela beirada dos matos os nossos filhos legítimos viverão. E nossos filhos Guarani, todos os Guarani não devem se misturar com os outros (jurua). Todos os Guarani devem permanecer juntos (unidos). Todos os Guarani. [...] Nhanderu Tenonde diz: - A palavra do jurua, a palavra do jurua não deve ser seguida, meus filhos caçulas. O sistema do jurua (jurua rekopa) não deve ser seguido. Não, meus pequenos filhos.” (aldeia boa esperança, 1998)³⁵

Por meio das histórias ensinam sobre o que seu povo deve saber, sempre enfatizando os saberes ancestrais para serem seguidos e por meio da oralidade os transmitem. Vivê-los, ensiná-los aos seus e se encontrarem neles é uma forma de se manter conectado às suas origens. Ao pratica-los os compreendem em sua essência e identidade, e recusam o que está sendo imposto por não fazer parte do que são.

Dar continuidade à vida de seus antepassados, compartilhando suas histórias e hábitos,

³⁵ INES LADEIRA, Maria. O caminhar sob a luz. 2007. p. 174.

permanecendo em seu próprio território auxilia na preservação de seu próprio mundo, como foi criado para ser. Reproduzir os ensinamentos dos seus é manter viva a própria identidade, compreendendo a importância de cada traço e presença dos seres em seu lugar. Deste modo, podem recusar o que está sendo posto, por entender que oprime aos seus e sua história, desconsidera a importância de sua vivência e por isso é tão violenta, por descaracterizar os indígenas e tentar roubar-lhes sua humanidade e identidade. Colocando-os em uma posição de vulnerabilidade que tem um potencial dizimador de vidas, ambientes e memórias.

Não interromper o processo de transmissão sobre as memórias de sua cultura e da terra que habitam possibilita a reprodução de sua existência e práticas ensinadas por seus antepassados e pessoas mais velhas da aldeia. Possibilitando uma forma de se fazer resistência mesmo quando o capital, direciona suas ferramentas de destruição para os seus, continua a existir e (re)existir enquanto pessoa indígena, como um ato de “rebeldia” e luta por meio de sua presença e permanência junto dos seus. Produzindo e vivendo mais conhecimentos de acordo com sua identificação cultural e enraizando suas memórias neste solo responde ao sistema, que não, não permite que seja adestrado por este. Tampouco, ser lido ou se ler com os olhos do opressor, pois compreendem a importância e necessidade de sua existência. Existir em meio a propostas de aniquilação do que se refere aos seus, é lutar.

4.2 EDUCAÇÃO POPULAR E CRÍTICA DA BARBÁRIE.

Como foi visto, a educação institucional tem como objetivo moldar os seres às necessidades do sistema econômico. O que significa que estes passam a ser enquadrados em figuras de opressores e oprimidos, trabalhadores e donos dos meios de produção, cujo a existência é limitada ao trabalho abstrato e a produção de mercadoria. Onde tudo dentro desta lógica passa a ser comercializado, inclusive os seres, suas necessidades básicas para sobrevivência, sua mão de obra e os produtos advindos de seu trabalho, que são constantemente transformados em mercadoria. A partir da escola como ferramenta deste sistema, esta lógica passa a ser introjetada no pensamento das pessoas, para que se identifiquem com ela e a figura a qual lhes foi imposta.

A escola e o tipo de educação que aplica, por desconsiderar a humanização, práticas e experiências de vida, pode ser vista como uma ferramenta que transforma os seres humanos em

meros trabalhadores, introduzindo-os ao mundo abstrato dos homens e sua mercadoria; lhes desconfigurando como indivíduos que possuem humanidades, sentidos próprios e pensamentos, que moldam a sua própria vida. A escola e sua prática de educação institucionalizada acaba por deformar os seres, os fazendo reprimir sua forma de sentir a vida e de experienciar suas próprias vivências, para que a partir delas molde sua prática. Sendo mais um aparelho repressor utilizado pelo Estado/ordem vigente, insere as pessoas na dinâmica de mercado embalsamado pelo senso de desumanização, onde a organicidade dos seres é constantemente aniquilada para que sejam adequados ao mundo do trabalho e produção de mercadorias, onde esta dinâmica é algo central na vida das pessoas.

Este modo de enxergar e viver a vida é sobreposto a diferentes grupos independente de suas especificidades, a partir de movimentos de despersonalização dos grupos e cada ramificação étnica, para desmontar toda diversidade e enquadrar os seres no padrão opressor, imposto por um sistema que “criou vida própria” e controla as relações sociais, entre si e com o mundo. Sendo este mundo limitado a apenas uma visão, onde não há possibilidades de outras formas de viver e se relacionar com o meio, apenas aquela ensinada nas escolas, onde o trabalho para produção de mercadoria é colocado como a peça mais importante da existência humana. Existência limitada a produzir, sem poder se multiplicar de acordo com suas próprias vontades e necessidades. Cada ser passa a ser visto como mais um trabalhador, mais uma pessoa que deve produzir mercadoria e ser útil para a lógica de mercado. Por este motivo a banda Pink Floyd produziu a música “another brick in the wall” (“Mais um tijolo na parede”) onde cantam que:

We don't need no education. We don't need no thought control. No dark sarcasm in the classroom[...]

All in all it's just another brick in the wall,. All in all you're just another brick in the wall”

(Pink Floyd, 1979)

O que, por meio de uma tradução livre pode ser entendido como: “Nós não precisamos de nenhuma educação/ Nós não precisamos de nenhuma lavagem cerebral/ De nenhum sarcasmo velado na sala de aula. Em suma, é apenas mais um tijolo no muro/Em suma, você é apenas mais um tijolo no muro”. Nesta música é realizada uma crítica ao sistema vigente, onde explicita que os seres humanos são controlados por um tipo de educação que os limita e transforma em mercadoria. Somos limitados e educados para sermos apenas mais um tijolo/trabalhador nas paredes do sistema, o sustentando e reproduzindo diariamente. A partir

de uma educação que manipula e molda os indivíduos para se encaixarem de acordo com as demandas do sistema, sendo educados para se adequar ao mercado de trabalho e vender sua mão-de-obra. Deixando de lado as necessidades humanas que são diferentes do Capital, e tomando para si as da “parede que fazem parte”, uma vez que dentro das quatro paredes escolares há um movimento de alienação dos seres, para que não sejam inseridos na realidade posta e não se envolvam nos processos históricos de forma consciente, sem participar verdadeiramente de sua própria vida. São presos a lógica do sistema e impedidos de viver uma vida concreta, onde sua humanidade ainda lhes pertence, o que jamais deveria ter despertado.

A introdução destas instituições repressoras nas aldeias evidencia um processo de colonização da forma de sentir a vida, de se formar ser humano, de sua própria forma de se educar e desejos intrínsecos a sua existência. Entretanto, isto ocorre em todos os espaços dominados por essa estrutura de manipulação, onde é ditado para os seres, de forma autoritária, como deve ser seu modo de vida e de se inserir no mundo. Como deve ser utilizado o seu tempo, trazendo o ócio como algo ruim e que “desvaloriza” a vida humana, alegando que todos os seres devem vender sua alma a esta estrutura que se alimenta com sua humanidade e tem por consequência a morte da pluralidade dos seres, sua cultura e modo de vida. Entretanto não há mudança quando se “aceita” o que está sendo imposto, não se deve conformar com as amarras do capital, pois uma estrutura que ameaça a vida humana deve ser dizimada, sequer considerada como possibilidade. O posicionamento dos povos indígenas e sua recusa ao modo de vida do homem branco devem inspirar os seres a lutar por sua existência e humanidade, compreendendo sua importância e função no mundo. Recusando-se a ser dominado por uma estrutura que controla a vida humana e suas relações.

É necessário que os homens quebrem este pacto social que guia a humanidade para as ruínas da vida, de acordo com Paulo Freire (1968) “Para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento do opressor desumanizante, é imprescindível a superação das situações-limite em que os homens se acham quase coisificados” A partir da percepção da insalubridade deste modo de vida deve-se renunciar a este e às abstrações de seu sistema. Isto é estimulado a partir de um auto movimento de educação que visa a formação dos seres a partir de suas próprias vidas e demandas. Uma educação, como a dos Guarani, cujo foco se encontra na formação do ser, enquanto indivíduo e enquanto pessoa pertencente a um coletivo. Onde seu ato de educar a si e aos seus ocorre através de suas práticas em seu território, buscando inserir a todos neste meio e evoluir em conjunto.

A educação deve ser uma forma de construção da autonomia dos indivíduos e não como uma forma de imposição ideológica como ocorre no sistema capitalista, o ato de educar não deve ser limitado a figuras ou espaços específicos, uma vez que este ocorre permanentemente durante a vida. É preciso que os seres, enquanto sujeitos de sua própria história possam aprender através de suas experiências de vida, com o seu povo, em seu território e de acordo com sua cultura. Tendo responsabilidade na construção da história da humanidade, de sua própria vida, testemunhando sua reprodução e criação de forma consciente. Para isso é preciso destruir a estrutura que controla os homens, que os limita à sua força de trabalho, que os desumaniza, destinando sua humanidade à um valor de produção. Hierarquizar saberes, acesso a saúde, à postos dentro da pirâmide social, valorizar o dinheiro em detrimento da vida é um ato de violência contra a humanidade, que deve ser cessado e modificado.

Para que isto ocorra, a mudança deve ser estrutural, incluindo as ferramentas que atuam a favor do sistema, como a educação institucionalizada. A forma de educar para inserção neste sistema deve ser desconsiderada, visto que é mais um modo de amarrar os seres as imposições desumanas deste. A educação não deve ser meramente uma reprodução técnica de aprendizados, onde o ser faz o que lhe foi ensinado sem estar consciente de suas ações, esta deve ser reflexiva e profunda, baseada em experiências de cada pessoa para que tenha sentido humanizador. Por meio desta educação, por vias de afeto e vivência, restaurar a reflexão sobre ensinamentos e atrelar a teoria e prática a um modo de vida humanizador.

Para analisar esta estrutura e suas problemáticas devemos nos afastar dela, uma vez que nossos pensamentos foram moldados por ela. Esta vivência de acordo com suas próprias crenças, que inserem todos os seres na dinâmica local e considera sua experiência é elucidada pela cultura indígena. Ao analisarmos o que seria a educação para o povo indígena podemos encontrar um referencial para modos de vida saudáveis, que considera a importância de experimentar a vida, sentir e aprender a partir de todos os elementos que podem ser encontrados em seu meio e a partir da vivência de cada pessoa, aprender em conjunto pela evolução de todos.

De acordo com Paulo Freire (1989): “o conhecimento do mundo é também feito através das práticas do mundo; e é através dessas práticas que reinventamos uma educação familiar às classes populares”. Para os povos originários o seu modo de vida é exercido através de suas práticas, é preciso estar inserido no meio para compartilhar os ensinamentos de seus ancestrais, para conhecer a partir da terra sobre sua própria existência. É exercer seu ato de existir através

de suas práticas de vida. Para os homens e sua educação institucional, a vida é reduzida ao trabalho para produção de mercadoria, entretanto suas práticas se tornam inconscientes principalmente porque não as decidem por si, sua educação é separada de suas experiências, sendo decidida e depositada pelo próprio sistema.

É preciso quebrar o pacto que desvincula o ato de educar a si a partir de suas próprias experiências e prática de vida em seu território, para retomar o controle de si e sua própria existência aos seres, dando sentido humanizador às suas ações no mundo dos homens. Para, assim como os povos indígenas, praticar a sua verdade e compreender esta através de seus hábitos, encontrar em si o educador e o educando. Como ocorre quando os Yanomami sonham e aprendem sobre sua história, ou quando caçam e plantam em suas roças, atribuindo às suas atividades um valor de uso. Assim como os Guarani aprendem sobre a vida brincando em sua infância, também a partir dos ensinamentos das pessoas mais velhas de sua tribo, assimilando o conhecimento transmitido à suas práticas em seu território. Decidindo a partir de sua vivência qual caminho devem seguir, onde se encontram e dando seu próprio sentido e objetivo às suas atividades.

É importante que os seres possuam sua própria independência, não necessitando ser guiado por um sistema, isto ocorre nas culturas indígena, onde cada uma possui sua independência de acordo com o que foi construído dentro de seu território, a partir de suas próprias necessidades e ritmos, pertencendo ao seu povo e sendo nutrida através dos ensinamentos repassados pela oralidade. Isto se estabelece deste modo uma vez que, a educação é voltada para emancipação dos indivíduos, para que foquem em sua própria formação do ser e na construção coletiva. Focando em sua própria existência, a partir de suas tradições, hábitos e crenças, voltadas a práticas de vida humanizadoras que quando são compreendidas verdadeiramente, provocam a percepção das assimetrias existentes e reflexões para que não compactuem com a sua reprodução.

Os povos indígenas se percebem parte do meio, do território e de seu povo, onde cada corpo é uma porção de saberes que quando compartilhados contribuem para a progressão de práticas libertarias. Por isso suas atividades se voltam para as pessoas, sua construção e necessidades, destinando seu ato de educar para as os seres que constituem o coletivo, sem hierarquiza-las e colocar algo como superior ou mais importante. A vida é o que importa e deve ser valorizado. De acordo com Krenak:

“Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo que somos parte, a Terra, passando a pensar que nós somos uma coisa e ela outra! A Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza, Tudo que consigo pensar é natureza”. (Ailton Krenak, 2020)

A partir desta fala pode-se notar que o homem passou a se desvincular da natureza, seus hábitos durante o tempo se alienando a costumes criadas por seu grupo mas que passou a controlá-los. Onde se coloca como superior ao meio, deixando de se ler como parte deste, e sendo submisso ao sistema que controla os níveis de acesso a humanidade. O homem deixa de se conectar consigo mesmo e suas próprias atividades, que passam a ser destinadas ao sistema como forma de alimentá-lo. Assim direciona-se a vida à criatura, deixando para trás o criador e as mazelas que resultam desta movimentação. Cabe aos homens resgatarem o controle sobre si, sob seu território e práticas, que sejam conectadas às suas próprias demandas novamente. Assim como os povos da floresta o fazem, a partir de suas próprias demandas e crenças aprendem em conjunto sobre sua existência, considerando-se extensões da natureza, suas práticas são destinadas a um desenvolvimento libertário do grupo e construção cultural.

Por isto se torna necessário visualizar as práticas de vida na floresta como referência da importância da práxis e experiência na construção do saber coletivo, que emancipa a todos os inserindo neste processo, uma vez que não os torna submisso a um sistema, já que se entendem como parte deste. Todos os seres são identificados como parte do grupo, assim como os rios, árvores e animais que se encontram presentes no território, considerando-os todos peças fundamentais para manutenção da vida onde o saber é adquirido pela prática de ensinamentos ancestrais e do que cada ser julga necessário na formação de seu ser e existência. Sendo assim, suas práticas podem ser consideradas como atividades que não retira dos homens sua dignidade e humanidade, já que seu movimento de educação possui como foco os seres, sua evolução e emancipação, não um sistema que se alimenta de nosso trabalho e nos amarra às suas aparelhagens opressoras, nos impedindo de viver uma vida digna em verdade, conscientes de nossos atos e real necessidade destes.

Para modificar as estruturas dominantes é preciso se atentar também para o modo de educar presente em nossa sociedade ainda hoje, onde se dissemina as correntes do mercado econômico e limita os seres e suas reais potencialidades, por este motivo é necessário considerar outras possibilidades de um mundo dos homens, onde o sentir a vida é incentivado e não invalidado, onde a humanidade e natureza são preservados e considerados de acordo com suas especificidades. Para que as práticas deste modo de vida sejam justas, igualitárias e contribuam

sempre para a reflexão das pessoas, de acordo com Paulo Freire (1989), a educação popular seria uma forma de transformar este movimento de vida desumanizadora a partir da educação, de modo que a vida seja a própria experiência de autoformação libertaria:

“Entendo a educação popular como esforço de mobilização, organização e capacitação das classe populares; capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso poder, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que está ai, para que se possa fazer escola de outro jeito. Em primeira “definição” eu a aprendo desse jeito. Há estreita relação entre escola e vida política” (Paulo Freire, 1989. p. 33)

Esta fala pode ser explicitada e elucidada ao apontar as exemplificações dela no modo de vida do povo indígena, onde todos as pessoas que habitam as aldeias são capacitadas para construir a sua própria existência. Em conjunto aprendem sobre sua vida e nas práticas desta a compreendem, isto ocorre em cerimônias de celebração, a partir de conversas com os mais velhos, ou quando as pessoas aprendem a caçar e plantar para sua subsistência, sempre respeitando os limites da floresta e seus habitantes, ou até mesmo quando exercem a sua espiritualidade. Nas aldeias não existe o desemprego ou a pobreza, pois lá o trabalho e seu modo de produção não é colocado acima da importância da existência de cada pessoa. O seu modo de educar ocorre a partir da vida e seus processos, por meio de experiências e hábitos moldados durante a vivência de cada ser, e que se encontram em um eterno processo de construção.

Na floresta os habitantes são donos de sua vida, constroem sua própria história e jornada, se colocam no mundo e enxergam este através de suas práticas de vida por se identificarem com estas, não se subordinam a lógicas necrófilas, tampouco impõe seu modo de vida à outras culturas, respeitando a diversidade de cada processo de aprendizagem e reprodução de práticas de acordo com cada povo. Entendem que cada grupo possui seu próprio mundo em seu Território e modos de seguir a vida que podem variar de acordo com as suas crenças e necessidades em seu meio. O ser humano e sua humanidade são o centro de suas ações, servem à seu próprio desenvolvimento de autoformação.

Ao invés de anular e desconsiderar outras culturas deve se enxergar nelas uma outra forma de construir a vida e outras possibilidades de mundo, onde seja possível perceber a natureza como parte de nós, e nós como parte dela. Seguindo e respeitando seu movimento e não banalizando a humanidade dos seres em prol de qualquer sistema que a retira e domina. Para construir um mundo de forma coletiva onde o modo de vida seja funcional para todos e não atente contra a existência de ninguém. A partir de uma educação que considere a sensibilidade do ser, e compreenda criticamente seu modo de sentir a vida, já que nesta

educação institucionalizada fomos treinados para deixar de sentir e apenas reproduzir ações. Que possamos aprender novamente a nos educar constantemente, a partir do nosso sentir e do sentir coletivo neste processo de construção permanente que flui junto do fluxo da vida e sua dinâmica.

Isto se explicita no modo de vida indígena, este como sendo uma prática que possui relação horizontal entre os seres e os elementos de seu território, onde todos são natureza e a integram, coexistindo junto de seus hábitos e crenças, assim como a partir do exercício de sua espiritualidade. Com base em sua vivência em seu próprio território constroem em conjunto seu modo de vida, guiados pelo sentir em sua própria pele a dinamicidade das relações e experiências encontradas em campo, a partir de suas práticas e percepções das ramificações da vida. Diferente dos homens que vivem sob as demandas do sistema econômico, estes tem suas experiências desqualificadas e retiradas de si, uma vez que o sistema não as considera importantes para o seu desenvolvimento.

Os seres, que não estão inseridos na vida na floresta, têm sua identidade afetada e definida de acordo com a ordem vigente, que durante o seu avanço passou a afastar cada vez mais as pessoas de seu próprio movimento e práticas características de cada grupo do qual fazem parte. Para que assim, suas vidas fossem direcionadas à produção de mercadorias que alimentam a dinâmica desta ordem, sendo desvinculados ainda mais de seus territórios e memórias que antes os caracterizavam. Desta forma “se esquecem” de suas próprias necessidades e das demandas de tudo que engloba e se caracteriza como natureza, assim como a terra e sua infinidade de mundos. Passando a perpetuar os movimentos impiedosos do sistema vigente.

Estes movimentos se configuram como um dos muitos massacres do capitalismo, sendo planejados e consequência da dinâmica de hiper valorização do Capital, em detrimento da vida humana. O desenvolvimento do Capital e a forma a qual o sistema econômico se estabelece e configura na sociedade atual é extremamente nocivo às pessoas, visto que, este coloniza as práticas sociais e modos de vida que lhes são alheios; como as variadas produções culturais, os modos de vida divergentes a este, afetando o equilíbrio da natureza (seres humanos e território), o que atinge a saúde desta em sua totalidade. O faz para que possa estabelecer e enraizar a sua relação entre capital e trabalho. Provocando como consequência relações alienadas a fim de dar continuidade a reprodução de seu modo de produção e valorização.

A monetização da vida é um processo desumanizador, que atinge as pessoas em todas as suas dimensões, ao se expandir sob os seres os fazendo servir às demandas do sistema econômico, torna-os dependentes desta; impondo seus processos de superexploração e valorização do “valor de troca”. Por meio destes atos amplia a barbárie de seus movimentos, através de repressões estruturais para que se tornem permanentes, como no caso da dessensibilização dos seres e o seu condicionamento à esta lógica e controle.

É preciso buscar por outras possibilidades de recusar este movimento de alienação e reprodução da barbárie implementada, sem retirar dos sujeitos seu protagonismo, especificidades culturais ou modificar o modo de vida característico de cada grupo. Considerando e priorizando a necessidade de que se constitua através de relações saudáveis entre os seres e o espaço em que se encontram presentes. Sem hierarquizar as formas e vias pelas quais a vida se configura, considerando o tempo dos seres e a sua natureza como orgânico e assim os reintegrando como tal. Por meio de movimentos que prezem pela segurança e salubridade da natureza, considerando esta como os homens e mulheres, o meio ambiente, animais, rios e mares; todos os elementos que a compõe e a importância de cada um deles para o equilíbrio e existência dos seres sem a repetição da barbárie.

Apesar do sistema econômico, voltado para o trabalho alienado e produção de mercadorias, se “construir” como algo natural e indispensável à vida dos homens, ele não o é. Existem outras possibilidades de modos de vida que não reproduzem a barbárie a partir de suas práticas, assim como, outras percepções e perspectivas de mundo, que vão para além da visão sistemática seguidas pelo homem ocidental, como a cultura indígena citada no desenvolvimento deste trabalho, seus hábitos e práticas que elucidam a existência de modo de vida que não se enquadra a um sistema econômico; a vida na floresta, suas ramificações e diversidade cultural pode ser vista como referência de um modelo que se configura de forma antagônica ao sistema econômico presente nas relações da sociedade hoje em dia. A forma a qual é feita sua composição possui o foco na organicidade dos seres, suas práticas e o meio como uma extensão da vida de cada elemento.

Isto pode ser visto como uma forma de resistência junto da possibilidade de recusar a reprodução do sistema econômico, negando ser enquadrado a este movimento de repetições da barbárie que aniquilam outras alternativas de modos de vida antagônicos á ordem vigente. Uma vez que, compreende a importância da diversidade de vida no planeta e seus mundos para a manutenção do equilíbrio, da natureza dos seres vivos e da natureza dos homens. Entendendo

que ambos devem coexistir, já que o meio ambiente não é apenas uma porção de terra ou que se restringe a uma definição limitante, ele engloba os seres, sua produção cultural e cada elemento que o compõe. A resistência dos povos da floresta pode ser percebida na continuidade de suas práticas e da narração de seu modo de vida, mantendo assim, viva a sua tradição e ensinamentos transmitidos pelos seus ancestrais, se conectando com seu território e a vida presente nele. O que elucida uma fala de Paulo Freire e Adriano Nogueira (1989): “Saber narrar é não apenas um exercício de memória, mas é também estimular a tomada de posição”.

O ato de narrar a vida requer como necessário práticas libertarias que prezem pela emancipação dos indivíduos em suas jornadas. Ou seja, práticas que não sejam alienadoras como as dissipadas pelo sistema capitalista, estas se tornam inenarráveis pois possuem uma enorme carga de incivilidade e atrocidade que acometem a vida e experiências dos seres, os “emudecendo”. Da mesma maneira que foi explicitada por Walter Benjamin (1933) em sua parábola sobre os soldados que voltavam da guerra sem conseguir transmitir suas experiências, pois a barbárie que está contida nestas os atravessa, desumanizando-os, assim como sua vivência e capacidade de repassá-la por meio da fala e trocas com outros seres. O que evidencia as derivações e consequências do nefasto sistema capitalista sob os indivíduos e sua humanidade, onde esta é acometida por diversas catástrofes que auxiliam o processo de expansão deste. Dentro deste sistema o ato de narrar é impedido principalmente pelo movimento de alienação das relações sociais, o que implica na reprodução da barbárie uma vez que não ocorre uma reflexão sobre esta e sua dominação sob os seres.

Assim, se torna necessário buscar por movimentos alternativos a este, como outras possibilidades de modos de vida que possuam como objetivo a libertação dos seres das correntes da ordem econômica e seu controle. Compreendendo que esta os direciona para caminhos perversos, onde os seres passam a reproduzir ações abomináveis, tal como ocorreu em Auschwitz e foi elaborado por T. Adorno, como uma das mais graves falhas humanas da história, onde a hierarquização de poderes e pessoas resultou em um genocídio; sendo extremamente necessário questionar o tipo de educação que guiou os seres nesta direção. Para que assim, em um movimento de reflexão coletiva compreendam a necessidade e urgência de não repetição desta, pois, segundo Adorno (1968):

“a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas”

Sendo assim, é de suma importância que questionando a jornada humana e suas ações no mundo, os homens se direcionem a um caminho em que haja a recusa da repetição desta. Uma vez que esta evidencia a falha humana, guiada por um sistema nefasto, contra a vida e a humanidade dos seres, sendo preciso que se analise as raízes deste ato bárbaro da história, determinando um posicionamento das pessoas através de ações educacionais que sejam voltadas para a humanização e emancipação dos indivíduos, em atos de reflexão em que haja a recusa de desumanizar suas práticas as condicionando a contradições sistemáticas que possuem bases necrófilas.

Para elucidar, um movimento alternativo e contrário à educação institucional- sendo esta uma forma de perpetuar o sistema capitalista o reproduzindo através de movimentos alienados de educação, que tem como consequência a desumanização dos seres e sua ruína- seria a educação popular, como uma forma de educação coletiva voltada para a modificação da estrutura vigente, onde busca-se alterar como esta organiza-se de forma hierárquica para que a educação ocorra a partir de outros movimentos; como a educação indígena e seus processos de construção coletiva voltada para a integração dos seres no meio, sua formação e desenvolvimento onde todos tem “poder” para se posicionar em sua própria história.

Visto isto, compreende-se que o modo de vida dos povos originários serve como referência de práticas que prezam pela vida de todos os seres, suas conexões territoriais, coletivas e ancestrais e o equilíbrio da natureza. Resistindo contra o sistema e sua carga “mortal” que se alimenta dos seres e se infiltra através de seus aparelhos de repressão, como por exemplo a educação institucional que direciona as pessoas à relação e inserção no mercado de trabalho guiado por uma lógica fetichista. Este movimento guiado pelo Capital se esgota a cada momento, o que afeta diretamente a vida das pessoas e do planeta como um todo. Por esta razão é necessário que haja uma mobilização dos seres humanos para considerar uma outra alternativa de práticas de vida, que se desenvolva através de práticas horizontais, onde exista consciência sob a práxis exercida. Enfatizando-se que é preciso que estas novas práticas sejam antagônicas ao que está posto e demonstra ser afuncional em suas variações.

Sendo assim, nestas o corpo enquanto território deve se conectar novamente a suas experiências, práticas e percepções para que seja possível reconfigurar a forma de sentir a vida e suas vivências. Pois, como foi dito por Madalena Freire: “conhecimento não é coisa só de cabeça, conhecimento é de corpo inteiro”, então se torna preciso cuidar de todo conjunto que constitui a estabilidade desta, para que seja possível construir práticas de educação e de vida

que não sejam postas como mercadorias e comercializadas, que destinem seu valor às experiências e sentidos corporais. Os modos de vida precisam ser funcionais para todos os seres vivos e o ambiente o qual se encontram inseridos, englobando toda a rede de energia que coexistem com a prática dos homens. Os objetivos desta prática precisam ser repensados e modificados de modo que não alimentem mais a este modelo e suas relações destrutivas para todo meio ambiente.

Deste modo, se torna necessário estabelecer práticas que não estejam associadas a valorização mercadológica e voltadas a produção e acúmulo de dinheiro, pois estas alienam os homens e mulheres através de processos de trabalho e também a partir da educação institucional. É preciso que as novas práticas sejam libertarias e voltadas para a emancipação dos indivíduos, os reconectando à natureza, para que voltem a se perceber como parte desta e a liberte destas estruturas hierárquicas destrutivas. Para emancipar junto dos homens os elementos que se tornaram “vítimas” da barbárie encontrada em seu modo de vida.

Esta modificação ocorre também através da educação que não se estrutura em desigualdades ou as perpetua através dos indivíduos como mecanismos de controle. Sendo esta algo urgente para a humanidade, por isto é preciso que as pessoas se aproximem novamente da sua sensibilidade sob a vida, uma vez que a partir das experiências sentidas pelo próprio corpo compreenda as assimetrias encontradas em sua vivência e sentidas em sua própria pele, e assim, percebam a necessidade de provocar uma mudança sobre o que os afeta. Utilizando esse sentido como guia para a mudança e refletindo sobre o desenvolvimento humano, as práticas estabelecidas e como estas atravessam os seres e provocam dores.

Assim, se torna preciso modificar também o trabalho e seus objetivos, voltando as atividades laborais para as necessidades dos seres e de suma comunidade, não mais para a abstração do Capital, para assim retomar o protagonismo de sua história não sendo mais refém do sistema e de suas mazelas. Voltando suas práticas para si, as aldeando, focando na formação enquanto indivíduos, assim como os povos Guarani fazem com seu *nhe e*, onde as pessoas se formam a partir de sua própria experiência de vida e vivência coletiva e a partir do território que habita cada corpo. Ou como as mulheres Guarani fazem ao conhecerem seu corpo, suas especificidades e necessidades em conjunto com sua categoria, refletindo e trocando conhecimentos em conjunto acerca de duas perspectiva. Sendo donas de si e de sua própria história, experienciando a vida através de suas próprias necessidades e percepções. Se educando e formando de forma libertaria, onde o objetivo se contra nos aprendizados constantes dos seres

através de seus atos de conhecimento, reflexão coletiva direcionadas por seu senso crítico.

Isto ocorre através da relação dos seres com sua própria experiência e percepção de vida, por este motivo é tão importante que haja uma conexão das pessoas com seu território e rede de energia, onde estabelecem suas práticas de conexão que dão sentido a suas vidas e reestabelecem os sentidos para compreender qual caminho estão trilhando e realizarem reflexões sobre seu processo constantes de evolução. Por meio de uma práxis voltada para a emancipação e libertação de cada pessoa, seguidas por movimentos de reflexão as palavras voltam a ser dignas de transmissão e a re-sensibilização dos seres acerca de sua própria vivência fortalece suas memórias para que possam ser novamente narradores de sua própria jornada e que a partir dela possam refletir sobre o passado e o que precisa ser modificado.

Narrando e praticando uma vida voltada para os seres e sua evolução coletiva, não hierarquizada, que conta com um processo de educação emancipatória. Onde as massas resistem e lutam contra o sistema capitalista e suas crises, a partir de suas próprias percepções sobre como este os atravessa. Para que assim, direcionem sua luta por meio de ações e mobilização coletiva em que há participação de todos, pois todos tem poder de reflexão e nas tomadas de decisão em relação as necessidades e demandas do coletivo. Por meio de uma educação de processo crítico permanente, que busca formar seres humanos emancipados e libertos das amarras deste sistema; que se educam e reeducam seus sentidos em conjunto, através de uma práxis emancipatória voltada para não repetição da barbárie e rompimento com movimentos alienados às abstrações do Capital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hodiernamente, são visíveis as manifestações e expansões do sistema Capitalista a partir de seus processos, em que implementa seu modo de vida e práticas destrutivas sobre a sociedade, de modo a desenvolver e reproduzir ainda mais a sua dinâmica. Estas ações dominam os espaços, as pessoas e suas relações no mundo, dado que, esta ordem busca implementar seu sistema em todos os meios, para que estes sejam padronizados e sirvam à sua dinâmica conforme a sua lógica de configuração e funcionamento. Sendo assim, espaços e produções culturais que se divergem desta são dominados e deformados para que se enquadrem nos processos econômicos e funcionem de acordo com este.

No momento anterior à colonização, a vida na floresta não atendia a estas demandas, o modo o qual esta se configurava era baseado em saberes ancestrais, conexões territoriais, coletivas e com todos os elementos pertencentes à natureza. Compreendendo a natureza como território, pessoas, rios, árvores e animais, um ambiente voltado para realização das práticas de cada etnia indígena, de acordo com seus próprios processos de desenvolvimento culturais e hábitos. Considerando a extrema importância da salubridade deste meio para o equilíbrio e manutenção da vida, para que seja possível dar continuidade a cultura existente e processo de identificação dos habitantes da aldeia para com esta.

Para os indígenas, seu território é como uma entidade sagrada, extensão da vida e de cada habitante, é a partir dele que se mantém vivos e continuam transmitindo os saberes de seus antepassados, dando seguimento a seus hábitos de subsistência, e formação do seres coletivamente, de acordo com suas próprias práticas educacionais. Estas práticas se constituem consoante as características de cada etnia, sendo voltadas para a formação do ser em processos individuais e coletivos, onde, através de seu território e experiências aprendem sobre a vida com/na floresta. As atividades executadas possuem como enfoque a formação dos seres, sempre em conexão com a natureza, voltando sua valorização para a vida através de uma práxis concreta e humanizadora, que capacita os seres para narrarem suas próprias jornadas, se posicionarem diante delas de acordo com seus próprios movimentos de reflexão.

Entretanto, este modo de vida sofre uma abominável deformação com a chegada dos “homens brancos” e seu sistema econômico a floresta. A colonização dá início às práticas barbaras e necrófilas que invadem este ambiente, com o intuito de modificá-lo junto da cultura, práticas e crenças existentes, de forma que estas passem a se enquadrar nas estruturas do

mercado e sua dinâmica. Este processo devastador é uma forma de expansão e implementação do sistema econômico, junto de seu modo de vida antagônico ao experienciado pelos povos originários, busca impor suas práticas alienadoras aos seres, os dominando e controlando para atenderem a lógica do mercado.

O sistema econômico dita a lógica da fetichização da mercadoria e sua produção como um novo modo de vida, de relações sociais e práticas que devem ser seguidas pelos seres. As atividades são direcionadas ao trabalho como forma de produzir e acumular mercadorias, sendo guiadas por uma lógica alienadora onde as demandas do sistema são colocadas como centrais na vida dos seres. Assim, estes passam a ser reduzidos a pessoas que devem alimentar esta lógica; através de seu trabalho produzem mercadorias que possuem valor de troca, não mais produções que obtinham valor de uso conforme as necessidades dos indivíduos. Deste modo, as correntes e dominação deste sistema se expandem, fazendo com que por meio de uma naturalização de hábitos os indivíduos passem a servi-lo junto de sua lógica abstrata. Onde a valorização é destinada à mercadoria e sua produção, colocando em segundo plano os seres e suas reais necessidades.

Em virtude disto, ao implementar por vias alienadoras uma lógica fetichista modifica estruturas que não condizem com suas táticas de dominação, invadindo espaços para transformar modos de vida divergentes a este. Alterando a forma a qual as pessoas se relacionam entre si, com o meio e a natureza, como utilizam seu tempo, sendo este agora definido de acordo com os momentos de trabalho. As atividades laborais colocam em primeiro plano a valorização contida em seu processo abstrato, em detrimento das reais necessidades humanas. Como foi elucidado através das deformações sofridas pela cultura indígena no processo de invasão e colonização; em que teve seu modo de vida, práticas culturais e relação com o território, afetados e impedidos pela ordem vigente. Onde o território é posto como uma porção de terra utilizada para lucrar, e os indivíduos como trabalhadores que devem sustentar o sistema e sua existência, sendo afetados diariamente pelas suas contradições e atrocidades.

As instituições escolares funcionam como ferramentas repressoras do Estado, que por meio de uma educação desumanizadora e processos de desenvolvimentos limitantes inserem os indivíduos nas dinâmicas do sistema vigente. Para que por uma formação sistematizada sejam inseridos no mercado de trabalho como classe trabalhadora, naturalizando as vias deste processo. Nesta instituição não ocorrem formações de indivíduos em sua própria jornada, e sim, formação e deformação de indivíduos em trabalhadores que reproduzem as práticas sociais

deste sistema. Sendo separados de suas experiências, saberes ancestrais e especificidades culturais para que se enquadrem no padrão determinado pela ordem do Capital.

Nesta ordem, as relações são desumanizadas e destrutivas para toda natureza e elementos contidos nela, uma vez que, ao colocar as demandas do sistema acima dos seres, lhes retira suas características de humanidade. A educação escolar realiza uma manutenção ideológica do sistema capitalista ao perpetua-lo e interromper os processos formacionais e emancipatórios dos seres. Esta educação voltada para o sistema econômico forma seres para o reproduzirem sem questionar ou compreender realmente as consequências de seus atos, o que resulta em uma série de repetições de barbáries, desigualdades estruturais e ações impiedosas. Onde as pessoas se encontram submetidas as dominações deste sistema e trabalham para atendê-lo, guiados por movimentos alienados onde o único resultado possível é a barbárie e destruição da natureza, a partir de práticas mortais.

Isto ocorre quando as escolas são inseridas nas aldeias, impondo sob a cultura local um modo de educação regido por um método limitador, que diverge da educação indígena. Esta última, ocorre a partir da experiência de cada indivíduo em seu processo de formação constituição do ser dentro de seu território, seguindo a suas práticas ensinadas e transmitidas por seus ancestrais. Os habitantes da floresta aprendem a partir desta, junto das outras pessoas da aldeia, por meio de conversas, celebrações, ou durante o convívio e realização de atividades rotineiras. Em contraponto, a educação escolar é limitada em seu conteúdo e ambiente, reduzindo a experiência dos seres a partir de sua própria vivência, ditando e impondo as estruturas aniquiladoras do mercado como ordem e modo de vida de todos os seres. O que provoca uma série de problemáticas acerca das relações dos homens no mundo e entre si, corroborando em experiências que emudecem o ser, não sendo dignas de serem transmitidas. Uma vez que possuem uma ampla bagagem de opressões e violências, direcionadas a corpos, territórios, natureza, a humanidade e seus movimentos de liberdade.

Uma educação sedimentada em um sistema necrófilo, que o reproduz através de suas repressões possui como consequência a barbárie, principalmente porque os homens passam a se educar através desta instituição, de forma alineada buscando servir às demandas sistemáticas. Ao incorporar sua estrutura de hierarquização, deixam em último patamar os indivíduos, sua vida e humanidade, dando continuidade a um processo de reprodução alienada que massacra a organicidade da existência. Assim, os homens se separam de suas experiências, consciência e humanidade, perdendo a habilidade de sentir a vida através de seus corpos. Repetem suas

práticas nocivas sem questionar o absurdo contido nelas, o que tem como consequência a destruição dos seres, sua saúde e do mundo, da natureza e a humanidade necessária às relações.

Visto isto, se torna necessário e urgente repensar modos de vida e formações educacionais, que não tenham como maior ideal de valorização um sistema econômico em detrimento da vida dos seres. Em que as práticas não são alineadas, e sejam voltadas para a emancipação dos seres, como na educação popular; onde se aprende a partir de suas experiências e posicionamentos no mundo coletivamente, se recusando a aceitar o abominável e reproduzir atitudes barbaras que sejam destrutivas aos indivíduos e a natureza. Em um movimento organizado por pessoas que buscam se libertar das amarras dos sistema e que compreendem a partir de um “saber corporal” sobre as desigualdades e atrocidades contidas neste.

Em um ato de recusa buscar por outro referencial de práticas e de modos de vida, pois há uma compreensão das falhas contidas no sistema vigente. A destruição causada por estes aos homens, mulheres e os territórios que ocupam, assim como suas produções culturais. É preciso que a práxis seja emancipatória, voltada para a concretude de uma prática sedimentada nas necessidades do ser humano e natureza, compreendendo a importância do equilíbrio desta rede de energia para a existência e saúde do mundo. Onde os atos de reflexão sejam permanentes e voltados para uma formação crítica coletiva de todos os sujeitos, e libertação de repressões e dominações aniquiladoras. Destinando a valorização à vida e integrando a natureza como todo e essencial a existência.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. *In: Educação e emancipação*. [S. l.: s. n.]: Paz e Terra, 2008. p. 119-138.
- ARENDRT, Hannah. Crise na educação: Between Past and Future: Six Exercises in Political Thought. **Viking Press**, New York, p. 173-196, 1961.
- BENITES, Sandra. Viver na língua Guarani Nhandewa (Mulher falando). Orientador: Professora Dr^a. Bruna Franchetto. 2018. Dissertação (Pós-Graduação) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, [S. l.], 2018.
- BENITES, Sandra; RETE, Ara. **Nhe'ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola**. Orientador: : Profa. Dra. Clarissa Rocha de Melo. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- BENJAMIN, Walter – **Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119
- BESSA FREIRE, José Ribamar. I Congresso Internacional América Latina e Interculturalidade. UNILA. Foz do Iguaçu (Para a). **ESCOLA BILINGUE: UMA EMBAIXADA EM TERRITÓRIO INDÍGENA?** 2013. (Congresso).
- BRASIL. Constituição Federal (1988). <http://www.legislacao.planalto.br> Acesso em 29 de abril de 2022.
- CARVALHO, José Jorge de. 'Espetacularização' e 'canibalização' das culturas populares na América Latina. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, [S. l.], v. 21, p. 40-76. 2014.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os Involuntários da Pátria. **ARACÊ – Direitos Humanos em Revista**, [S. l.], fev. 2017. Reprodução de Aula pública realizada durante o ato Abril Indígena, Cinelândia, Rio de Janeiro 20/04/2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 72. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. ISBN 978-85-7753-447-0.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria prática em educação popular**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- INES LADEIRA, Maria. **O caminhar sob a luz: Território Mbya à beira do oceano**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. 1. ed. Sao Paulo: Companhia das letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está a venda**. [S. l.]: Companhia das letras, 2020. ISBN

978-85-5451-732-8.

KRISIS, Grupo. **Manifesto contra o Trabalho**. [S. l.]: Antígona, 2017. ISBN 9726082978.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital.. [S. l.]: Boitempo Editorial, 2013. v. 1. ISBN 8575593218.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. 2 . ed. São Paulo: Companhia das letras, 1998. ISBN 8571648204.

WALTER BENJAMIN – Obras escolhidas. Vol. 1. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.